



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA ESTRANGEIRA**

JOSIELE DA SILVA PEIXOTO

**A DITONGAÇÃO DIANTE DE /S/ NO PORTUGUÊS FALADO PELA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE-BA**

**AMARGOSA-BA
2019**

JOSIELE DA SILVA PEIXOTO

**A DITONGAÇÃO DIANTE DE /S/ NO PORTUGUÊS FALADO PELA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE-BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Libras pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Gredson dos Santos
Co-Orientadora: Profa. Ms. Jailma da Guarda Almeida

AMARGOSA-BA
2019

JOSIELE DA SILVA PEIXOTO

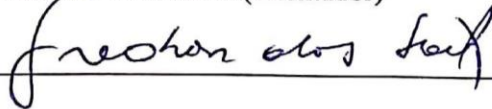
A DITONGAÇÃO DIANTE DE /S/ NO PORTUGUÊS FALADO PELA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE ALTO ALEGRE-BA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras:
Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa, no Centro de Formação de Professores, da
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 24 de julho de 2019.

Banca examinadora

Gredson dos Santos (orientador)



Ayane Nazarela Santos de Almeida



Geisa Borges da Costa



AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante essa caminhada.

Palavras não são suficientes para agradecer a Deus, por estar sempre ao meu lado, em todos os momentos. Quando achava que não teria como continuar, uma força sobrenatural me renovava. Obrigada por sempre escolher o melhor caminho para mim.

À minha mãe Neide e ao meu irmão Anderson, que sempre tiveram muita paciência ao longo desse tempo, me apoiando incondicionalmente e vivendo cada momento sempre ao meu lado.

À minha família, que sempre me apoiou, e a Josilene, minha prima, que foi a primeira referência e exemplo em que me inspirei para iniciar meus estudos. Obrigada pelo incentivo e pelo seu jeito particular de me ensinar as coisas; cresci muito com isso.

Ao professor Gredson, que é um ser humano ímpar. Obrigado por todos os conselhos, por todo o conhecimento compartilhado e por acreditar em seus alunos. Saiba que sua humanidade e humildade nos inspiram, e suas palavras de apoio e incentivo têm o poder de alimentar nossos sonhos.

À professora Geisa Borges. Lembro-me que, ao fazer uma entrevista com ela para uma disciplina, conheci sua história de luta e compromisso, que serviu de inspiração e foi fundamental na minha decisão em prosseguir com meus estudos.

Aos amigos que fiz durante a graduação, Ricardo, Amanda, Maurina, Daiane e Edaize, Marilza, Nathalia. Obrigada pela parceria ao longo desses anos. Costumo dizer que a caminhada se tornou muito mais leve e agradável com vocês.

A Paula, por quem tive uma grande afinidade desde o primeiro dia e hoje é uma amiga, irmã, que quero levar para toda a vida. Obrigado por ser tão companheira e por sempre estar ao meu lado.

A Nara: obrigada por compartilhar comigo todos os momentos ao longo desses anos; por sempre me ouvir, aconselhar, incentivar e acreditar mais em mim do que eu mesma. Agradeço a Deus por ter me dado uma irmã do coração.

Ao meu chefe, Diego, que hoje é também um grande amigo e sempre foi muito paciente, permitindo que conciliasse os meus estudos e o trabalho. Obrigado por ser luz, quando achamos que já não há solução.

A Jailma, que foi uma grata surpresa da vida. Sempre agradeço a Deus pelas maravilhosas pessoas que Ele coloca em minha vida e você foi uma delas. Obrigado por

tudo que fez comigo, por pegar em minha mão e me ajudar a caminhar em momentos que me vi sem direção. Não tenho palavras para agradecê-la.

A todos os meus professores, que contribuíram na minha formação, levarei um pouco de cada um deles para toda minha vida.

PEIXOTO, Josiele da Silva. **A ditongação diante de /S/ no português falado pela comunidade de Alto Alegre-Ba.** 61 f. il. 2019. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-Ba, 2019.

RESUMO

A monografia intitulada *A ditongação diante de /S/ no português falado pela comunidade de Alto Alegre-Ba*, baseada nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), teve como principal objetivo investigar como se configura a ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba, que fica localizada na zona rural da cidade de Presidente Tancredo Neves. A amostra utilizada para a pesquisa foi composta de 559 ocorrências de ditongação diante de /S/, extraídas da fala de 12 informantes (06 homens e 06 mulheres), distribuídos em três faixas etárias: (faixa I: de 20 a 40 anos; faixa II: de 41 a 60 anos; faixa III: mais de 60 anos). As amostras foram coletadas pelo grupo de estudos do Português Popular da Bahia, então sediado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Os dados foram analisados por meio do programa computacional GOLDVARB X e os resultados mostram uma alta taxa de ditongação na comunidade. No que diz respeito à influência dos fatores linguísticos, a *Posição da sílaba no item*, *tonicidade da sílaba*, *posição da consoante no item*, *consoante seguinte* e *extensão do vocábulo*, são os que mais favorecem a ditongação, seguindo a tendência apontada no trabalho de Silva (2014) e (2018). Com relação aos fatores extralinguísticos, nenhum favoreceu a ditongação.

Palavras-chave: Variação. Ditongação. Sílabas travadas por /S/. Alto Alegre.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	A ditongação em sílaba travada por /S/ em Alto Alegre-Ba	47
Tabela 2	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>posição da sílaba</i>	48
Tabela 3	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>tonicidade da sílaba</i>	49
Tabela 4	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>posição da consoante</i>	49
Tabela 5	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>consoante seguinte</i>	50
Tabela 6	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>extensão do vocábulo</i>	50
Tabela 7	A ditongação em sílaba travada por /S/ em Alto Alegre-Ba	52
Tabela 8	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>posição da consoante</i>	53
Tabela 9	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>posição da sílaba</i>	53
Tabela 10	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>tonicidade da sílaba</i>	54
Tabela 11	Ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à <i>classe morfológica</i>	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	11
2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA.....	11
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO	16
2.3 VARIEDADE, VARIANTE E VARIÁVEL.....	20
2.4 TIPOS E NÍVEIS DE VARIAÇÃO	21
2.5 COMUNIDADE DE FALA	24
2.6 BREVE CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR	27
2.6.1 Breves conceitos sobre norma culta, padrão e popular	28
3 A DITONGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	32
3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS TRABALHOS SOBRE DITONGAÇÃO.....	33
3.1.1 “A ditongação variável em sílabas tônicas travadas por /S/”	33
3.1.2 “A ditongação das sílabas tônicas finais travadas nos falares blumenauense e porto-alegrense: uma análise preliminar”	35
3.1.3 “Ditongação diante de <s> na Bahia: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica”	36
3.1.4 Ditongação e Monotongação nas capitais brasileiras	38
3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ESTUDOS ABORDADOS	39
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
4.1 A COMUNIDADE	41
4.2 O <i>CORPUS</i>	42
4.3 O TRATAMENTO QUANTITATIVO E AS VARIÁVEIS	42
5 A DITONGAÇÃO EM SÍLABA TRAVADAS POR /S/ NA COMUNIDADE ALTO ALEGRE-BA	44
5.1 A DITONGAÇÃO NO <i>CORPUS</i>	44

5.1.2 A ditongação em Alto Alegre-BA	46
5.1.2 Fatores selecionados na segunda rodada	50
5.1.3 Breves considerações acerca dos resultados encontrados	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Língua e sociedade estão ligadas de maneira indissociável; não é possível estudar uma sem fazer menção à outra. É por essa relação entre língua e sociedade que se interessa a Sociolinguística, estudando e relacionando a heterogeneidade linguística e a heterogeneidade social. Segundo Bagno (2007), não há como estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem.

Para a Sociolinguística, a língua é um sistema organizado, de modo que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si; e sua variabilidade é resultado de fatores que estão presentes na sociedade (fatores extralinguísticos), e fatores que estão dentro própria língua (fatores linguísticos). E é com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]) que o presente trabalho pretende investigar como se configura a ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba – uma comunidade quilombola que está situada na zona rural da cidade de Presidente Tancredo Neves (a cerca de 225 km de Salvador).

As entrevistas na comunidade de Alto Alegre-BA foram coletadas pelo grupo de estudos: Português Popular da Bahia, então sediado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que seguindo os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, ao adotar a narrativa de experiências pessoais como método de coleta, registraram 12 entrevistas, com informantes estratificados quanto ao sexo (masculino/feminino) e idade (faixa I: de 20 a 40 anos; faixa II: de 41 a 60 anos; faixa III: mais de 60 anos).

Para Câmara Jr. (1986), a ditongação seria uma mudança fonética, resultado da transformação de uma vogal simples em um ditongo, a partir da acréscimo de uma semivogal, e que ocorreria diante das seguintes circunstâncias: o acréscimo de uma vogal alta posterior em sílabas tônicas, como nas palavras *boa* [*bowa*]; e a inserção da vogal alta anterior em sílabas tônicas finais, como em *fez* [*fejs*].

Assim, o trabalho tem como objetivo: 1) observar como se dá a ditongação na comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba; 2) investigar quais os contextos linguísticos e extralinguísticos mais favoráveis à ditongação; 3) ampliar a base de dados sobre os estudos da ditongação em sílabas travadas por /S/. 4) Comparar os resultados desta pesquisa com os resultados de Silva (2014) e Silva (2018).

Para tanto, partiu-se das hipóteses de que possivelmente há uma intensidade na ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade; os fatores extralinguísticos são favorecedores para a ditongação; e que a ditongação tende a ser mais frequente em sílabas

finais do que em mediais.

Os resultados apontam para intensidade na ditongação quando comparado às taxas apresentadas por Silva (2014) e (2019). Alto Alegre é uma comunidade quilombola, que possivelmente sofreu o processo de contato entre línguas. Lucchesi (2006) afirma que o processo de crioulização não se desenvolveu no Brasil de maneira significativa, mas desencadeou significativas mudanças na estrutura das variedades de língua portuguesa que vieram a se desenvolver na sociedade brasileira, em um processo chamado *transmissão linguística irregular*: “esse conceito remete àquelas situações em que uma grande população de adultos falantes de línguas diversas precisam aprender uma segunda língua emergencialmente em situações precárias de sujeição.” (LUCCHESI, 2006, p. 10).

Para dar conta dos objetivos, esta monografia ficou dividida da seguinte forma:

Na primeira das cinco seções, intitulada *Sociolinguística Variacionista*, é apresentado um breve histórico da sociolinguística variacionista, além de alguns conceitos e princípios teóricos essenciais para a compreensão dos estudos sociolinguísticos.

A segunda seção, intitulada *A ditongação no português brasileiro*, apresenta algumas revisões de trabalhos que abordam a ditongação em sílabas travadas por /S/ no português brasileiro.

A seção *Procedimentos metodológicos* apresenta quais os procedimentos adotados para elaboração da pesquisa, desde as informações da comunidade até o tratamento quantitativo das variáveis.

Na seção *A ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba*, são apresentados os principais resultados da variável estudada, por meio do programa computacional GOLDVARB X.

Na última seção, as *Considerações finais*, é apresentada uma síntese dos resultados obtidos com a pesquisa.

2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A presente seção abordará os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista, bem como um breve histórico acerca da sociolinguística, os conceitos de variação, variável e variante, os tipos e níveis de variação e o conceito de comunidade de fala.

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA

É inquestionável a relação que há entre língua e sociedade, e é justamente por estar ligada com o social, e ser o principal responsável pelas relações entre os indivíduos, que a língua apresenta um caráter heterogêneo, variável e mutável. Esta relação foi muito discutida por diversos autores no século XX, que se dedicaram a pensar na questão social dentro do campo da Linguística, que até então não era considerada.

Os estudos que antecederam o século XX se baseavam em dois métodos principais: o histórico-comparativo e o neogramático. O primeiro, conforme afirmam Coelho et al. (2015), buscava estabelecer relações sistemáticas entre duas ou mais línguas ou entre dois ou mais estágios de uma mesma língua, ou seja, buscava-se comparar os elementos gramaticais de línguas em comum, a fim de compreender a estrutura da língua original em que elas se desenvolveram.

Segundo Martellota (2011, p. 47), essa nova forma de abordar os fenômenos da língua “suruiu a partir da constatação da grande semelhança do sânscrito, língua antiga da Índia, com o latim, com o grego e com uma grande quantidade de línguas europeias”. Embora o método histórico-comparativo fosse regido pelos princípios da tradição gramatical, a nova forma de abordar os estudos sobre os fenômenos da língua, marca o surgimento de uma nova ciência,

considera-se que essa tendência marca o início de uma nova ciência, a linguística, já que pela primeira vez um grupo de cientistas se interessa por analisar as características inerentes às línguas naturais, sem interesses filosóficos ou normativos, mas observando critérios estritamente linguísticos (MARTELOTTA, 2011, p. 49).

O método neogramático, que, segundo Coelho et al. (2015), ganhou destaque na obra de Hermann Paul, estabelece pressupostos sobre a teoria da mudança, que leva em consideração a língua de um falante-ouvinte individual, ou seja, o sistema linguístico de um único indivíduo (o idioleto), sem considerar as relações sociais em que o mesmo está inserido. Contudo, é com as teorias neogramáticas que se estabeleceu o princípio da *regularidade mecânica* e a noção de *analogia*, utilizados ainda hoje nos estudos linguísticos.

Posteriormente, já no século XX, surge uma corrente chamada de estruturalismo, que teve como principal representante Ferdinand Saussure. O estruturalismo se solidificou com a organização do Livro *Cours de linguistique générale*, publicado em 1916, resultado de diversas anotações que alguns alunos de Saussure registravam de suas aulas, ministradas em Genebra. A corrente estruturalista rompeu com os estudos comparativos do século anterior, após Saussure estabelecer a língua (*langue*), como objeto de estudo da Linguística. Para Saussure (2012[1967]), a linguagem tem um lado individual e um social, a partir de então o autor estabeleceu a oposição *língua/fala* (ou *langue/parole*), assim de acordo com o autor a língua se opõe à fala, pois esta (a *langue*) é coletiva; enquanto que aquela (a *parole*) é individual. Para Saussure (2012[1967]),

a língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação[...].
A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º - as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; [...] (SAUSSURE, p. 45, 2012).

Compreendendo a fala como um ato individual, Saussure definiu a língua como objeto de estudo da linguística, por ser um ato coletivo e que não pode ser manipulado. Para Saussure, a língua era tomada por si mesma, tida como um modelo abstrato de signos que exprimem ideias, um sistema organizado no qual um signo se define por sua relação com os demais.

Posteriormente, os pressupostos estruturalistas perderam espaço para as teorias gerativas, que tem como fundador Noam Chomsky. Contudo, assim como a corrente estruturalista, a gerativa também considerava a língua como um sistema homogêneo, sem qualquer relação com fatores sociais. Coelho et al. (2015) afirmam que o gerativismo considerava a língua um sistema abstrato de regras responsável pela formação de sentenças, resultado do estado inicial da faculdade da linguagem, que é inato ao ser humano. Segundo os autores, para Chomsky o objeto da linguística era as intuições que o pesquisador construía acerca da língua e o juízo que o mesmo fazia sobre a gramaticalidade das frases. Desse modo, o indivíduo era tido como um falante-ouvinte ideal, inserido em uma comunidade de fala homogênea e abstrata.

Todas as correntes já mencionadas concebiam a língua como um sistema homogêneo, sem relação com fatores sociais. Embora Saussure considerasse o caráter coletivo da língua,

ele não levava em conta a relação da língua com fatores históricos e sociais. Insatisfeitos com os modelos existentes que não incluíam o uso social da língua, tampouco a variação, surgiram autores que começaram a considerar tais fatores no estudo da língua. Segundo Calvet (2002), para Meillet (1866-1936), a língua é um fato social, e sua estrutura pode ser explicada através da história e não há como dissociar e compreender fatos da língua sem fazer referências aos fatos diacrônicos, históricos.

Assim, segundo o autor, a língua não existe fora dos sujeitos que a falam, não tem uma existência autônoma, e não é pelo fato de não ter uma existência substancial, que ela não será real, assim a língua seria de forma simultânea, um fato linguístico e social, “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística e a mudança social” (MEILLET, 1906 apud CALVET, 2002, p.16).

O linguista francês Benveniste defende uma ideia semelhante, afirmando que é pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente e ganham existência, assim não há como separar língua e sociedade “a linguagem sempre se realiza dentro de uma *língua*, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular” (BENVENISTE, 1974 apud ALKIMIM, 2012, p. 28).

Para contrapor os modelos até então vigentes, surge a Sociolinguística, uma nova linha de estudo que considera o caráter social da língua, buscando estabelecer relações entre língua e sociedade. Segundo Cezario e Votre (2011), o termo “Sociolinguística” surge pela primeira vez em 1950 e se desenvolveu nos estados unidos em 1960, com os trabalhos de William Labov.

Para Labov não havia como estudar a língua fora do âmbito social, por isso, o autor afirma que “por muitos anos resisti ao termo sociolinguística, já que isso implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008 [1972], p. 13). Para o autor, era necessário uma nova abordagem da linguística com uma base social mais ampla, assim os estudos linguísticos devem também, ser pautados na língua tal como usada na vida diária, por membros da ordem social.

Os estudos de Labov foram de suma importância para consolidar a sociolinguística enquanto ciência. O seu estudo precursor, na ilha chamada Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, Estados Unidos, pode ser considerado o primeiro passo para o estudo da língua em seu contexto social, que foi realizado em 1962 e tinha como alvo os condicionadores extralinguísticos. Labov observou que os ditongos /ay/ (*right*) e /aw/ (*house*), poderiam se pronunciados de maneira distinta (maior ou menor centralização) segundo a

orientação social dos integrantes da ilha. Labov mostrou que, na ilha, o ditongo /ay/ poderia ter como variante [ay], [əy] e [ey]; e o /aw/ poderia ter [aw], [əw] e [ew].

Labov chegou à conclusão de que o sentimento de pertencimento ao local se configurava como o principal condicionador extralinguístico que influenciava na variação. Quanto maior o sentimento de pertencimento a ilha, maior a possibilidade de centralizar os ditongos; já aqueles que eram favoráveis ao turismo ou não se sentia pertencente ao local, apresentava tendência a menor centralização, conforme pode-se verificar, “observou-se um nítido contraste entre os que planejam deixar a ilha e os que planejam ficar. Estes últimos exibem forte centralização, enquanto os primeiros exibem pouca, ou nenhuma” (LABOV, 2008 [1972], p. 52).

Outro importante estudo de Labov foi em relação a estratificação do /r/ em lojas de Nova York. O objetivo do autor foi estudar a presença ou ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica em vocábulos como *car*, *card*, *four*, *fourth*. Segundo o autor, esta variável se mostrou extremamente sensível a qualquer mediação de estratificação social ou estilística, “se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r)” (LABOV, 2008 [1972], p. 65).

Logo, para Labov (2008[1972]) se dois subgrupos estiverem dispostos em diferentes escalas sociais, tais diferenças irão refletir no emprego do /r/.

Labov questionou a vendedores de diferentes lojas em qual prateleira ou andar estava localizado determinado produto, a fim de saber se /r/ de *fourth* e de *floor* seriam ou não pronunciados. Segundo o autor, os resultados indicam que que as lojas estão diferenciadas numa ordem fixa, e conseqüentemente, os empregos serão avaliados pelos empregados nessa mesma ordem,

[...] vendedores da loja de status mais alto vão apresentar os valores mais altos de (r); os da loja de status médio vão apresentar valores intermediários de (r); e os da loja de status mais baixo vão apresentar os valores mais baixos (LABOV, 2008 [1972], p. 68).

Tal avaliação social revela a estratificação social dos empregados das três lojas, sendo o principal fator responsável pela estratificação sobre os empregados o prestígio da loja, junto as condições de trabalho.

É importante ressaltar que a Sociolinguística é apenas uma das áreas da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade, e que dentro da Sociolinguística há diversas formas de se tratar tal relação. Por conta das inúmeras e significativas contribuições de

William Labov à Sociolinguística, um das linhas investigativas ficou conhecida como Sociolinguística Variacionista. Segundo Coelho et al. (2015, p. 14), essa área de estudo também pode ser chamada de,

(i) Sociolinguística Laboviana, porque seu principal expoente é o linguista norte-americano William Labov; (ii) Sociolinguística Quantitativa, porque, a princípio, os pesquisadores dessa área costumam lidar com uma grande quantidade de dados de usos da língua, o que requer normalmente uma análise estatística; e (iii) Teoria da Variação e Mudança Linguística, por conta de suas principais preocupações: a variação e a mudança na língua.

Calvet (2002) relata que, em 1964, em uma conferência organizada por William Bright, 25 pesquisadores se reúnem, na Universidade da Califórnia com o intuito de debater diversos temas acerca da variação linguística. Bright se encarregou da publicação das atas e em sintetizar as diversas contribuições acerca da relação entre língua e sociedade.

Segundo Alkmim (2012, p. 28), em *Introdução à Linguística*, a proposta de William Bright para a sociolinguística é a de que ela deve “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social”, ou seja, observar as variações da língua dentro de uma dada comunidade, relacionando-as com as variações sociais dessa mesma comunidade. Na relação entre língua e sociedade, temos como resultado a heterogeneidade linguística e é disso que vai tratar a sociolinguística, da língua em seu contexto social.

Mais tarde, em 1966, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, com o intuito de retomar o interesse pelos estudos linguísticos históricos, retomaram as discussões sobre os estudos da mudança linguística e suas motivações sociais em um Simpósio intitulado “Direções para a linguística Histórica”, que teve como principal objetivo propor novos fundamentos para o estudo da mudança linguística. Para tanto, os autores fizeram uma minuciosa crítica à tradição neogramática e aos impactos do pensamento estrutural sincrônico nos estudos das mudanças linguísticas. No que tange a herança dos neogramáticos, os autores criticam, principalmente, a visão reducionista que se tem da língua e o fato da variabilidade e sistematicidade serem mutuamente desconsideradas.

Quanto aos pensamentos de Saussure, Weinreich, Labov e Herzog criticam o fato do autor exigir que língua seja vista como um objeto homogêneo e de afirmar que o fenômeno sincrônico nada tem em comum com os diacrônicos, conforme bem esclarece os autores,

de fato, é a irrealidade psicológica das relações diacrônicas e dialetológicas que leva Saussure a atribuir fenômenos históricos a um domínio de investigação totalmente diferente. “O ‘fenômeno’ sincrônico”, escreve ele, “nada tem em comum com o diacrônico; um é uma relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um evento (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006[1968], p. 55).

Em relação às ideias de Chomsky, Coelho et al. (2015) ressalta que os autores criticam a noção de língua enquanto um sistema homogêneo, sem ligação com fatores sociais e a noção de comunidade de fala abstrata, também homogênea e formada por falantes-ouvintes ideais, entretanto, os autores corroboram com Chomsky ao reconhecer que a língua é um sistema abstrato de regras. Segundo os autores é nesse contexto que as bases teóricas da sociolinguística irá se consolidar, quando Weinreich, Labov e Herzog constroem os “os fundamentos de uma teoria da variação e mudança empiricamente orientada – a nossa conhecida Sociolinguística” (COELHO et al., 2015, p. 58).

A partir de então, a língua passa a ser vista como um fenômeno social e considerada em suas situações reais de uso, e é disso que a sociolinguística irá se encarregar, conforme menciona Cesario e Votre (2011, p. 141):

a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

De modo geral, o objetivo da Sociolinguística Variacionista, segundo Bagno (2007), é o estudo da relação entre a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. O autor afirma que para a sociolinguística é impossível estudar a língua, sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade que faz uso dessa língua, e em meio a uma sociedade tão diversa é de esperar que haja variações linguísticas,

Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para o sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem (BAGNO, 2007, p. 38).

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO

A variação e a mudança linguísticas fazem parte do estado natural das línguas, e os seres humanos que fazem uso da língua e vivem em sociedade são heterogêneos e passíveis de transformações, que por consequência irá gerar variações na língua, porém, tais variações não são aleatórias e irregulares, e sim sistemáticas e ordenadas, por fatores linguísticos e extralinguísticos,

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Assim, não é possível compreender os processos que envolvem a mudança linguística sem levar em consideração o contexto social no qual a comunidade e seus membros estão envolvidos, visto que os fatores sociais influenciam incessantemente a variação e a mudança linguística.

De acordo com Cezario e Votre (2011), a pesquisa sociolinguística tem como ponto de partida o objeto de estudo, para então construir o modelo teórico. Para os autores, o objeto de estudo está centrado no uso do vernáculo, ou seja, nas situações de uso informal da língua, em que os indivíduos se expressam de maneira espontânea, natural, sem preocupação com o monitoramento da fala, e assim, por meio das realizações linguísticas concretas, busca-se descrever e explicar os fenômenos linguísticos.

Para a análise dos fenômenos da mudança linguística deve-se levar em consideração cinco importantes dimensões estabelecidas por Weinreich, Labov e Herzog, em seus estudos de 1968, conforme mencionados abaixo:

- 1) *Problema da restrição*: Busca saber quais as possíveis mudanças e condições para que tais mudanças ocorram, além de investigar quais os possíveis fatores universais, sociais ou linguísticos, que podem limitar essa mudança.
- 2) *Problema do encaixamento*: Busca explicar como as mudanças se encaixam no sistema linguístico e social da comunidade.
- 3) *Problema da avaliação*: Diz respeito a avaliação que o falante fará sobre as formas em variação e os possíveis efeitos na estrutura linguística e sua eficiência comunicativa. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 124), afirmam que o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente.
- 4) *Problema da transição*: Está relacionado a como se dá a mudança ao longo do tempo e das gerações, busca compreender como as formas que estão em variação/mudança se propaga ao passar de um estágio a outro, “Entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evolui para a estrutura B” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968], p. 122).
- 5) *Problema da implementação*: Estuda os fatores os fatores responsáveis pelo processo da mudança linguística, “A dificuldade do enigma da implementação é evidente no número de

fatores que influenciam a mudança[...]” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968], p. 124). O problema da implementação busca explicar o fato da mudança ocorrer em determinada língua e não em outra, ou na mesma língua em diferentes momentos.

Conforme já mencionado, para Labov, o que interessa à Sociolinguística é o estudo da língua em situações informais de uso, em que há o mínimo de monitoramento:

para lidar com a *língua*, temos de olhar para os dados da fala cotidiana o mais perto e diretamente possível, e caracterizar seu relacionamento com as teorias gramaticais do modo mais acurado que pudermos, corrigindo e adequando a teoria para que ela se ajuste ao objeto visado (LABOV, 2008[1972], p. 235-236).

A grande questão levantada por Labov (2008 [1972]) é como conseguir dos informantes, essa fala espontânea, o vernáculo, em entrevistas gravadas. Essa questão, segundo o autor é chamada de **paradoxo do observador**: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade é verificar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008[1972], p. 244).

Para obtenção desses dados, Tarallo (2007) afirma que o pesquisador está diante de um paradoxo, pois ele necessita de um número significativo de dados para desenvolver seus estudos, que só poderão ser coletados com o pesquisador participando diretamente da interação. Contudo, o autor alerta que a participação direta pode interferir na neutralidade do evento:

isto é, de um lado, o pesquisador necessita de grande quantidade de dados que somente podem ser coletados através de sua participação direta na interação com os falantes; de outro, essa participação direta pode perturbar a neutralidade do evento (TARALLO, 2008, p. 20-21).

Com o objetivo de coletar bons dados em situações naturais de comunicação linguística, o vernáculo, com uma boa qualidade sonora e como forma de atenuar os efeitos causados pela presença do pesquisador e de um gravador, Tarallo afirma que é necessário seguir alguns métodos de entrevista sociolinguística:

tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A palavra “língua” deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar (TARALLO, 2008, p. 21).

Para Labov (2008 [1972]), uma maneira de superar o paradoxo é tentar minimizar o constrangimento da entrevista, desviando a atenção do falante, para que assim o vernáculo emerja. Uma das formas, segundo o autor, é fazer com que o falante narrem suas experiências pessoais, o entrevistador consegue envolvê-lo emocionalmente, e assim desviar sua atenção ao monitoramento da fala:

também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos. Uma das perguntas desse tipo que tem dado mais resultado é a que lida com o “risco de vida”: “Você já viveu uma situação em que correu sério risco de morrer?”. As narrativas produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo (LABOV, 2008 [1972], p. 244-245).

Assim, a narrativa de experiência pessoal é uma das formas mais eficientes para fazer com que o falante utilize a fala menos monitorada que é objeto de estudo do sociolinguista.

Conforme já mencionado, a variação e a mudança linguísticas fazem parte do estado natural das línguas. Contudo, Labov (2008 [1972]), assegura que toda variação é passível de explicações linguísticas,

nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação (LABOV, 2008 [1972], p. 20).

De acordo com Tarallo (2007, p. 63), nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe que houve variação. Assim, para compreender melhor os estudos acerca da fala é necessário conhecer alguns conceitos fundamentais que permeiam a Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística. São eles: variação, variedade, variável e variante.

Segundo Bagno (2007), ao afirmarmos que uma língua apresenta variação, estamos afirmando que ela é heterogênea. Em meio a uma sociedade múltipla, com diferenças sociais e culturais, é esperado que haja variações também na língua.

Cada grupo social faz uso de determinadas variações, ou seja, cada comunidade possui um estilo próprio. Conforme relata Coelho et al. (2015), a depender da origem, classe social, grau de intimidade entre os interlocutores ou grau de formalidade, pode-se ouvir o falante referir-se ao outro, tanto por “tu” quanto por “você”, por exemplo. Essa alternância segundo os autores, nada mais é que o fenômeno chamado de **variação linguística**. “A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO, et al.,

2015, p. 16). Os autores ainda asseguram que a variação é um fenômeno inerente às línguas, que não interfere no funcionamento do sistema, muito menos na comunicação e compreensão entre os falantes:

de fato, palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significação social e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado referencial/representacional pelo qual “disputam” (COELHO, et al., 2015, p. 16).

A forma com que o falante se expressa revela muito sobre quem ele é, de onde veio, classe social, escolaridade, cultura, entre outros. E é justamente essa realidade que, segundo os autores, o sociolinguista tenta captar, sem nenhum tipo de preconceito estabelecido. É com esse olhar que o pesquisador deve desenvolver seus estudos, “seu objetivo é descobrir quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e da matriz social em que ocorre e como a variação pode levar à mudança na língua” (COELHO et al., 2015, p. 17).

2.3 VARIEDADE, VARIANTE E VARIÁVEL

O conceito de variedade é essencial para os estudos sociolinguísticos. De acordo Bagnó (2007), entende-se por variedade linguística as diversas formas de se falar uma língua, tais variedades podem ser orientadas por diferentes fatores sociais (sexo, idade, grau de escolaridade). Segundo Coelho et al., (2015) a **variedade** é justamente à fala característica desses diferentes grupos,

a partir de critérios geográficos, podemos isolar, por exemplo, a variedade gaúcha, a variedade manauara e a variedade da Zona Leste da cidade de São Paulo; a partir de critérios sociais, podemos pensar, por exemplo, na variedade dos falantes mais escolarizados, na variedade das mulheres (COELHO et al., 2015, p. 14).

Segundo Bagnó (2007), para a Sociolinguística toda língua é um feixe de variedades, e cada variedade terá especificidades que as diferenciarão de outras variedades. O autor ainda ressalta que toda variedade linguística é funcional, pois oferece os recursos necessários para que haja interação. Assim,

a ideia de que existem variedades linguísticas mais “feias” ou mais “bonitas”, mais “certas” ou mais “erradas”, mais “ricas” e mais “pobres” é fruto de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais e decorrem das relações de poder e de discriminação que existem em toda sociedade (BAGNO, 2007, p. 48).

Para a sociolinguística, não há língua superior ou inferior, não se pode fazer juízo de valor entre uma ou outra variedade; todas são equivalentes e obedecem a regras sistemáticas que podem ser perfeitamente explicáveis.

Por **variável linguística**, entende-se “o lugar na gramática em que se localiza a variação de forma mais abstrata.” (COELHO, et al., 2007, p. 17). Os autores exemplificam com o caso da variação entre os pronomes ‘tu’ e ‘você’, em que a variável em questão é a expressão pronominal de segunda pessoa. Já as variantes, segundo os autores, “são as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável – no caso, os pronomes ‘tu’ e ‘você’”.

Bagno demonstra a diferença entre os dois termos por meio de um exemplo muito comum,

a variável (**r**), no português brasileiro, em final de palavra (como em CANTAR, FAZER, AMOR), pode apresentar as seguintes variantes: (1): [r] – vibrante simples; (2) [R] – vibrante múltipla; (3) [ɹ] – retroflexa (“R caipira”); (4) [h] – aspirada; (5) [Ø] zero (“cantá”, “amô”), entre outras... (BAGNO, 2007, p. 50).

De acordo com Tarallo (2007) as variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística (TARALLO, 2007, p. 8).

Coelho et al. (2015) ressaltam que as formas variantes recebem valores distintos pela comunidade: as chamadas **variantes padrão**, são as pertencentes às *variedades cultas* da língua, que normalmente são as mais prestigiadas e conservadoras, enquanto que as variantes **não-padrão**, costumam se afastar das variedades cultas e são mais estigmatizadas, contudo mais inovadoras.

2.4 TIPOS E NÍVEIS DE VARIAÇÃO

As variações linguísticas não ocorrem de maneira aleatória ou casual. Bagno (2007) afirma que a Sociolinguística trabalha com o conceito de heterogeneidade ordenada, ou seja, apesar de variar, a língua é um sistema estruturado e organizado “que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo informacional através de regras diferentes, todas igualmente lógicas e com coerência funcional” (BAGNO, 2007, p. 43).

O autor ainda afirma que, mesmo a língua sendo um sistema inacabado, que está em constante renovação, ela proporciona aos seus usuários os elementos essenciais para uma completa interação sociocultural, ou seja, se ajustando à comunidade que a utiliza.

Essa adequação linguística só reafirma o fato de que os sistemas gramaticais não são imperfeitos e de que não há línguas ou variações inferiores. É importante ressaltar, que, conforme afirmou Labov (2008[1972]), não existe falante de estilo único; os sujeitos podem variar e ajustar a sua fala a depender da situação de uso.

As variações linguísticas podem ocorrer em diversos níveis da língua, ou seja, em diferentes lugares da gramática “ocupado pelas *variáveis* e à natureza de suas *variantes*” (COELHO et al., 2007, p. 23). De acordo com Bagno (2007, p. 39-40), são esses os diferentes níveis linguísticos em que ocorre a variação:

- Fonético - fonológico: São as inúmeras pronúncias para uma mesma palavra, resultado da troca, perda ou acréscimo de fonemas. Esse tipo de variação pode ser observado, por exemplo, em casos de ditongação, que, segundo Câmara Jr. (1986), ocorre a partir da transformação de uma vogal simples em um ditongo, por meio da inserção de uma semivogal. Esse fenômeno pode ocorrer em palavras como Me[y]s e Rapa[y]s, por exemplo.
- Morfológico: Palavras com sufixos diferentes, mas que expressam uma mesma ideia, ou seja, aquela em há modificação em algum morfema da palavra: como nas palavras *PEGAJOSO E PEGUENTO*. (BAGNO, 2007, p. 40).
- Sintático: São as diversas formas de organizar os elementos de uma frase, mantendo o seu sentido geral, como nas frases apresentadas por Bagno (2007, p. 40): *Uma história que ninguém prevê o final/ Uma história que ninguém prevê o final dela/ Uma história cujo final ninguém prevê*.
- Semântica: Palavras que podem ter diferentes significados a depender da região, como a palavra *VEXAME* que pode significar *VERGONHA* ou *PRESSA*. (BAGNO, 2007, p. 40).
- Lexical: São as diferentes palavras, que possuem os mesmos significados, como *AIMPIM*, *MACAXEIRA* e *MANDIOCA*. Variam a depender da região, contudo o significado é o mesmo.
- Estilístico-pragmático: Consiste na seleção que o falante faz a depender do grau de formalidade da situação na qual está inserido ou nível de intimidade entre os interlocutores. “Os enunciados *QUEIRAM SE SENTAR POR FAVOR* e *VAMO SENTANO AÍ, GALERA* correspondem a situações diferentes de interação social [...]” (BAGNO, 2007, p. 40).

Segundo Coelho et al. (2015) existem forças de dentro e fora da língua que definem a forma como uma pessoa ou um grupo de pessoas falam. Essas forças são chamadas **condicionadores**. Os autores afirmam que os condicionadores definem a escolha entre uma variante ou outra:

os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são textos divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos da língua ou externos a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos. Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos. Entre os condicionadores extralinguísticos de natureza social, os mais comuns são sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante (COELHO et al., 2015, p. 20).

Além da variação linguística ocorrer em diferentes níveis, há também diferentes tipos de variação. Sobre os tipos de variação, Coelho et al. (2015, p. 37) afirmam que

vale observar que essa classificação por tipos não implica que eles ocorram separadamente nem que sejam independentes da dimensão interna da variação. Normalmente, o que ocorre é uma combinação dos fatores que condicionam a forma como falamos.

Os tipos de variação estão estreitamente ligados por fatores extralinguísticos tais como: origem geográfica, status socioeconômico, escolaridade, idade, sexo, como expões Bagno (2007, p. 43), e podem ocorrer nos eixos diatópicos, diastrático, diafásico, diamésico e diacrônica, conforme pode-se verificar a seguir:

- Variação diatópica ou geográfica: esse tipo de variação está ligado a fatores de ordem geográfica. Corresponde a fala característica de diferentes regiões brasileiras, estados, municípios, ou mesmo zona rural e urbana.
- Variação diastrática: está relacionada a fatores de ordem social e se caracteriza pelas diferentes formas de falar de pessoas das diferentes classes sociais, escolaridade, idade e sexo:
- Variação diafásica ou estilística: Está ligada ao grau de monitoramento que o falante irá fazer da língua, dependendo da situação ou grau de formalidade que está inserido. O sujeito poderá variar na sua forma de falar, dependendo do nível de formalidade, tensão psicológica, intimidade etc. “Cada um desses tipos de situação vai exigir do falante um controle, uma atenção e um planejamento maior ou menor do seu comportamento verbal” Bagno (2007, p. 45).

- Variação diamésica: são as variações observadas entre a língua falada e a língua escrita.
- Variação diacrônica: são as variações observadas na língua ao longo da história.

Logo, as variações linguísticas não são aleatórias, e sim ordenadas e organizadas por fatores internos e externos a língua, o que comprova que a língua é um sistema altamente estruturado.

2.5 COMUNIDADE DE FALA

Coelho et al. (2015) asseguram que a Sociolinguística se preocupa com a gramática geral da **comunidade de fala** e não com o sistema de um indivíduo específico. Sobre comunidade de fala, Labov afirma que:

a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 2008[1972], p. 150).

Logo, a comunidade não é constituída apenas por pessoas que compartilham do uso dos mesmos elementos linguísticos, mas sim por pessoas que além disso compartilham das mesmas normas linguísticas.

É na comunidade de fala que os estudos de Labov estão centralizados; é nela que alguns indivíduos (informantes) são selecionados para coleta de dados. Os informantes selecionados devem seguir alguns critérios: que tenham nascidos e criados na comunidade a ser estudada ou ao menos que tenham vivido na comunidade desde os cinco anos de idade. Devem ser selecionados cerca de cinco informantes por célula – “Entendemos por “célula social” um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística” (COELHO, et al., 2015, p. 101). Assim, as células sociais são um conjunto de indivíduos que compartilham das mesmas características sociais, de modo a dar mais credibilidade aos dados encontrados.

Cezario e Votre (2011) acrescentam ainda que o indicado é que haja equivalência em relação ao número de informantes, ou seja, o mesmo número de informantes para homens e mulheres, com três níveis de escolaridade e quatro faixas etárias.

Sobre a variabilidade da língua, pode-se afirmar que é um fato crucial e sua observação e compreensão é fundamental para a explicação do comportamento linguístico das

sociedades, a fim de combater os preconceitos e as rejeições a determinadas variedades linguísticas. Como afirma Alkmim,

as diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais [...] (ALKMIM, 2012, p. 44).

Sobre a importância entre a relação dos fatores linguísticos e extralinguísticos, Tarallo (2007, p. 62) afirma que “é somente através da correlação entre fatores linguísticos e não linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída”.

Beline (2011) afirma que, apesar de os indivíduos utilizarem as variantes, é somente no contato linguístico com os outros falantes da sua comunidade que serão estabelecidos os limites para a sua variação individual, “como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros de sua comunidade falam” (BELINE, 2011, p. 128).

Logo, para o autor, o que de fato interessa é identificar os agrupamentos de falantes que compartilham de características linguísticas, ou seja, o que se espera é saber como se constitui uma comunidade de fala.

Para Guy apud Beline (2011, p.128), a comunidade de fala é formada por falantes que “i) compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; ii) comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros; e iii) compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem” (BELINE, 2011, p. 128).

No que tange à primeira questão, o autor afirma que existem fronteiras externas para as comunidades, assim as variantes linguísticas presentes em uma, são distintas ou na qualidade ou na quantidade das que aparecem em outras. Quanto à segunda questão, o autor exemplifica a partir da fala dos cariocas, que é da maneira que é, pois a comunicação, no que tange o contato linguístico, é mais intensa e frequente entre os membros que compõem a comunidade carioca, do que sua comunicação com os membros de outra comunidade. Quanto à terceira questão, Beline (2011) ressalta que ao se falar em atitude linguística é necessário transpor as diferenças geográficas e considerar as diferenças sociais:

não temos atitudes apenas diante da língua falada em lugares diferentes, também nos posicionamos diante de modos de falar correlacionados a fatores sociais, tais como escolaridade e nível socioeconômico. Sabemos, intuitivamente, que, no PB, por exemplo, deixar de fazer a concordância de número no sintagma nominal (artigo, núcleo nominal e eventuais adjuntos) é um indício de baixa escolaridade, que em geral vem de mãos dadas com o baixo nível econômico (BELINE, 2011, p. 129).

Assim, um indivíduo de melhor situação econômica e conseqüentemente de maior escolaridade, certamente não irá realizar sentenças como “nós vai” e “os menino” ao invés de “*nós vamos*” e “*os meninos*”; logo as atitudes linguísticas estão delimitadas tanto por fronteiras geográficas, quanto por fronteiras socioeconômicas. Contudo, o autor ressalta que mesmo o falante que é membro de uma comunidade de alto nível escolar e econômico pode não realizar a concordância nominal, por exemplo. Isso porque, o indivíduo pode fazer uso de variantes dentro de sua comunidade, ou seja, conforme já mencionado, Bagno (2007) afirma que não existe falante de estilo único.

Para Beline (2011, p. 130), não basta saber as diferenças e semelhanças no interior da comunidade linguística ou entre elas:

precisamos saber o quanto se é diferente e o quando se é igual. Nesse sentido, para estudar a variação linguística, torna-se necessário usar um modelo de análise que opere com quantidade de dados. No caso do exemplo do falante que usa “*as coisa*” ao invés de “*as coisas*”, mas que é membro de uma comunidade em que o uso dessa forma é inesperado, a pergunta que se coloca é: com que frequência esse uso ocorre na fala do indivíduo?

E é a partir desse princípio que o *corpus* para os estudos sociolinguísticos irá se constituir a partir da comunidade de fala e não de um indivíduo específico, pois só assim será possível ter um retrato de como ocorre a variação.

2.6 BREVE CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR

A Língua Portuguesa ao longo de sua história foi abordada sob diferentes modos e concepções. Até o século XVIII, não havia uma língua estabelecida para uso. O português, instituído pelos colonizadores portugueses, não era a língua dominante, pois existiam também os falares nativos e as línguas africanas. Segundo Ilari e Basso (2014), diante de um contexto com inúmeras fragmentações linguísticas, os religiosos dedicados a catequisar adotaram a política da língua geral, que deveria ser usada pelos colonizados, forçadamente, no contato com os colonizadores. As populações se viam obrigadas a adotar uma única língua, entre as muitas faladas, ou uma língua artificial que é justamente a mistura entre várias delas.

Embora houvesse uma enorme variedade de línguas indígenas, o surgimento das línguas gerais se deu a partir das línguas nativas da costa, que em sua maioria eram de tronco tupi e possuíam certa uniformidade. Sobre o surgimento das línguas gerais Santos (2012) assegura que,

assim, no início, a situação se configurava do seguinte modo: além das várias línguas indígenas, conforme apontam as pesquisas, havia duas línguas gerais bastante difundidas: uma paulista (de base tupiniquim e/ou guarani), falada no interior do Brasil, a partir do século XVII, que poderá ter sido a língua de colonização de São Paulo e de suas extensões interioranas; e uma amazônica de base tupinambá, cuja modificação resultou no nheengatu falado ainda hoje na região do Rio Negro, do Rio Xié, da Bacia de Içana e nas fronteiras do Brasil com a Venezuela (SANTOS, 2012, p. 2).

Estudos apontam que as línguas gerais perduraram por cerca de dois séculos, contudo em 1957, com a instituição da Língua Portuguesa como obrigatória, pelo Marquês de Pombal, o uso de outras línguas foi proibido, o que fortaleceu a língua portuguesa, fazendo com que fosse reconhecida no currículo nacional. O estudo da língua portuguesa tornou-se, então, obrigatório, representados pela gramática, poética e retórica, separadamente.

Lucchesi (2006) aponta que há duas vertentes para a formação da língua no Brasil, a primeira fincada no pequenos centros urbanos, onde se localizavam os órgãos administrativos da colônia, regida sob forte influência, linguística e cultural, da metrópole; a segunda vertente está fincada no interior do país, destino a qual se dirigiu grande parte da população no período colonial. Ainda segundo o autor, a língua portuguesa era adquirida em meio a situações precárias pelos escravos, que por conta de tal condição, preferiam se comunicar entre si com uma língua franca africana. E foi assim que a língua portuguesa se disseminou ao longo dos três primeiros séculos do Brasil entre a população pobre, mais precisamente indígena e

africana.

Santos (2012) afirma que o quase total desaparecimento das línguas indígenas, o sucesso da eliminação das línguas gerais e a imposição da língua portuguesa não deram à população escrava acesso aos bens culturais das elites portuguesas, mesmo sendo os escravos e seus descendentes os principais responsáveis pela difusão do hoje se chama de Português Popular Brasileiro.

As contribuições das línguas africanas para a história do PPB é inegável. Por muito tempo o tráfico de escravos foi uma atividade altamente lucrável para os colonizadores de diversos países europeus. Ilari e Basso (2014), afirmam que em certo período o tráfico se intensificou de tal forma a ponto de ser impossível evitar que os escravos de mesma etnia e língua permanecessem nas mesmas colônias. O objetivo ao separá-los era torna-los mais fracos diante dos traficantes e de seus futuros senhores.

Ainda segundo os autores tal prática dificultou o surgimento de comunidades negras com bases étnicas e linguísticas em comum, mas a influência africana sob o português brasileiro lança uma hipótese sobre o PB, a de que seria uma língua de base crioula.

Lucchesi (2006) afirma que o processo de criouliização não se desenvolveu no Brasil de maneira significativa, mas desencadeou significativas mudanças na estrutura das variedades de língua portuguesa que vieram a se desenvolver na sociedade brasileira, em um processo chamado *transmissão linguística irregular*, “esse conceito remete àquelas situações em que uma grande população de adultos falantes de línguas diversas precisam aprender uma segunda língua emergencialmente em situações precárias de sujeição” (LUCCHESI, 2006, p. 10).

Esse código linguístico emergencial reduziu os mecanismos linguísticos da língua alvo, sobretudo quanto as regras de concordância nominal e verbal, e acabou se impondo em relação as línguas nativas e se tornando modelo para a aquisição da língua materna.

2.6.1 Breves conceitos sobre norma culta, padrão e popular

Lucchesi (2006) ressalta que os grandes vetores da polarização sociolinguística do Brasil estão baseados em duas vertentes: a primeira, baseada em uma norma culta, resultado dos padrões linguísticos impostos pela colônia e pelo império; e a segunda baseada nas variedades populares do português brasileiro, que sofreu diversas mudanças estruturais, por conta do contato entre línguas, por meio do processo de transmissão linguística irregular.

Como já mencionado, a língua é múltipla e heterogênea, e o conceito de norma, segundo Faraco (2008), surge para estipular um nível teórico capaz de captar, em partes, a heterogeneidade que constitui a língua:

numa síntese, podemos então dizer que *norma* é o termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala. Em outras palavras, *norma* designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo [...] os fenômenos em variação (FARACO, 2008, p. 40).

Ainda segundo o autor, os diversos grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhes são comuns, e em uma sociedade tão heterogênea como a brasileira há diversas normas que a compõem: normas de comunidades rurais, de grupos juvenis urbanos, de populações periféricas, urbanas, entre outras. Um mesmo falante pode dominar mais de uma norma e variá-la de acordo a necessidade e atividades em que se situa.

Bagno (2012) ressalta o quão delicado é o conceito *norma culta*, pois esse termo implica a existência de uma norma “não culta”, portanto, inferior e que acaba gerando uma série de estigma com os falantes de outras normas. A respeito da expressão *norma culta*, Bagno (2012, p. 37) expõe que:

a expressão *norma culta* deve ser entendida como designando a norma culta linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais direcionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social.

Contudo, o autor salienta que tal designação foi criada pelos próprios falantes dessa norma, que possuíam um posicionamento privilegiado na estrutura econômica e social, se apresentando como “mais cultos”, e considerando sua norma como a melhor em confronto com outras do espaço social.

Segundo Faraco (2008), estudos realizados pelo projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) concluiu que a norma culta brasileira falada, pouco se distingue dos estilos mais monitorados dessa linguagem urbana comum. Assim, o projeto reduziu seu corpo de informantes a falantes com escolaridade superior completa, falantes considerados “cultos”, “Encontramos aqui um primeiro critério para identificar o fenômeno linguístico a que se dá o nome de *norma culta*: ela seria a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (Faraco, 2008, p. 46-47).

A norma culta não é algo que está pronto, o seu contato com as outras normas podem desencadear mudanças para diferentes direções. A cultura escrita aliada ao poder social, por

exemplo, gerou um processo unificador, salienta Bagno (2012, p. 38), que buscava uma neutralização linguística a fim de neutralizar qualquer tipo de variação e barrar qualquer possível mudança linguística. A esse processo de tentar estabilizar a norma, dá-se o nome de *norma padrão*.

Enquanto a *norma culta* é a variedade que os letrados utilizam em seus momentos de maior monitoramento de fala e escrita a *norma padrão* está em busca da uniformização:

enquanto a norma culta/comum/standard é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística (FARACO, 2008, p. 73).

Esse processo de uniformização fica por conta das gramáticas e dicionários, que passam a ser entendidos não apenas como um instrumento descritivo e sim como padronizadora, objetivando fixar um padrão a ser tomado regulador do comportamento linguístico dos falantes. As gramáticas passaram a impor um modelo tido como ideal, sendo considerada um instrumento de medida de comportamento, de modo que a fala e a escrita deveriam estar baseadas no que estivesse estabelecido pela gramática.

Lucchesi (2012, p. 59) expõe de forma bem clara a distinção entre *norma padrão* e *norma culta*:

a primeira reuniria as formas contidas e prescritas pelas gramáticas normativas, enquanto a segunda conteria as formas efetivamente apreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, dos falantes com curso superior completo, de acordo com a já clássica definição do Projeto de Estudo da Norma Culta (cf. Callou, 1999).

O autor afirma que esse conjunto de valores subjetivos, constituídos por valores sociais, culturais e ideológicos que é a norma, estão diretamente ligados aos padrões de comportamento linguístico observáveis numa comunidade. Esses estudos são cruciais para a compreensão da variação e mudanças linguística de determinada comunidade.

Lucchesi (2006) afirma que a *norma popular* emerge de uma grande parcela da população do país, que não teve acesso à educação formal e aos demais direitos enquanto cidadãos, resultando em reflexos na pluralidade étnica que está na base da sociedade brasileira.

Conforme já mencionado, o português foi adquirido pela população mais pobre em situações muito precárias e as variedades populares do português brasileiro, foram marcadas por um conjunto de mudanças em sua estrutura, decorrente do contato entre línguas por meio do processo de *transmissão linguística irregular*, que se caracteriza pelo resultado do contato

com línguas africanas e indígenas. Essa situação segundo o autor, produziu uma grande erosão da morfologia verbal, principalmente nas comunidades de fala do interior do país:

uma das características inerentes a situações desse tipo é a redução da morfologia flexional do nome e do verbo; sendo um traço virtualmente universal das línguas crioulas a ausência de morfemas de gênero, número e pessoa (cf. Lucchesi, 1999 e 2003) (LUCCHESI, 2006, p. 18).

Como a norma considerada de prestígio é aquela utilizada pela população brasileira que goza de direitos e possui escolaridade, o estigma recairá sobre a não aplicação das regras de concordância. O prestígio que recai sobre a aplicação da regra entre os segmentos populares fez com que a concordância se configurasse como um marcador de estratificação e estigma social.

Lucchesi (2006) destaca a relação entre as diferenças na estrutura social e os diferentes padrões de comportamento linguístico do país. Para o autor, tal clivagem sociolinguística é resultado de uma injusta divisão da sociedade brasileira, que reflete na valorização atribuída aos usuários de algumas normas, como a culta e a padrão e a estigmatização de outros, como os usuários da norma popular. Desse modo, aqueles que não estão dentro dos padrões linguísticos de prestígio são vítimas de inúmeras formas de preconceitos linguísticos, pois estão distantes dos padrões pré-fixados. Consoante com as ideias de Lucchesi (2006), é importante discutir e valorizar a diversidade do PB, pois não há formas melhores ou mais bonitas de falar, e sim falantes com realidades diversas e possuidores de uma variedade que não cabe nos padrões engessados pela gramática tradicional.

3 A DITONGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No português brasileiro, segundo Cristóvão Silva (2014), o ditongo consiste em uma sequência de segmentos vocálicos, em que um dos segmentos é uma vogal e o outro uma glide. O segmento que corresponde à vogal no ditongo é o que tem proeminência acentual, e o que corresponde ao glide é o que não tem proeminência acentual. Segundo a autora, há casos em que o ditongo apresenta uma sequência de glide-vogal, denominado ditongo crescente; e há outros casos em que os ditongos apresentam uma sequência de vogal-glide, denominado ditongo decrescente.

Mateus e Xavier (1992, p. 132 apud Tasca, 2005, p. 139) também definem o que é o ditongo: “uma sequência vocálica, no interior de uma sílaba, formada por uma vogal e uma semivogal, ou por uma semivogal e uma vogal, em que a vogal constitui o núcleo silábico”.

Para Câmara Jr. (1986), a ditongação seria uma mudança fonética, resultado da transformação de uma vogal simples em um ditongo, a partir do acréscimo de uma semivogal, e que ocorreria diante das seguintes circunstâncias: acréscimo de uma vogal alta posterior em sílabas tônicas, como nas palavras *boa* [*bowa*]; a inserção da vogal alta anterior em sílabas tônicas finais, como em *fez* [*fejs*].

Para Câmara Jr. (1975, p. 69), um dos tipos de ditongação que pode ser observado dialetalmente no Português brasileiro, é quando a vogal tônica final é travada por /S/, como nas palavras *pás* > *pais*, *fez* > *feiz*, *sós* > *sóis*, etc., “Neste caso, segundo ele, dá-se a neutralização da oposição entre ditongo e vogal simples, desaparecendo a distinção entre eles, por exemplo, *pás* e *pais*, *sós* e *sóis*, etc”.

Ainda segundo a autora, Melo (1975), ao defender que a língua popular brasileira era substancialmente o português arcaico, transformado em certos aspectos pela atuação indígena e dos negros, relacionou alguns exemplos de ditongação: *nóis temo*; *faiz isso*; *nóis tudo*; *nóis se amava*; *feiz eu*; Assim a ditongação seria um fenômeno linguístico típico da fala popular, que influenciou as línguas de origem latina e continuam a produzir mudanças.

3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS TRABALHOS SOBRE DITONGAÇÃO

Neta subseção serão feitas algumas revisões de trabalhos que tratam sobre a ditongação no português do Brasil. Tais revisões são fundamentais para que se tenha uma visão de como o fenômeno está sendo tratado e como as pesquisas sobre o tema estão sendo desenvolvidas.

3.1.1 “A ditongação variável em sílabas tônicas travadas por /S/”

Leiria (2000), no artigo intitulado *A ditongação variável em sílabas tônicas travadas por /S/*, apresenta os resultados obtidos em seu estudo sobre a ditongação variável no português falado nas três capitais do Sul do Brasil. A autora estudou especificamente os ditongos orais que se formam por inserção do glide anterior em sílabas tônicas finais travadas por /S/, como nas palavras *nós - nós, através – através*.

Os dados analisados foram extraídos de 36 entrevistas da amostra do Projeto Variação Linguística do Sul do País - VARSUL, totalizando 1.725 contextos com 700 ocorrências do fenômeno. A autora se baseou nos pressupostos da Teoria Variacionista e submeteu os dados aos programas do Pacote VARBUL.

Leiria (2000) afirma que se baseou em oito variáveis, quatro linguísticas e quatro extralinguísticas, para a codificação dos dados: *qualidade da vogal, ponto de articulação da sibilante coronal, status morfêmico da sibilante coronal, sândi externo, variedade geográfica, sexo, grau de escolarização e faixa etária*. A autora traçou como principais objetivos, identificar o contexto linguístico mais favorável à formação do ditongo; a configuração do uso da regra ao longo do contínuo geográfico; e o *status* da ditongação dentro do sistema.

Os resultados obtidos foram apresentados por ordem de importância fornecido pelo programa, começando pela *Variedade geográfica*. Segundo a autora, o fato da variedade geográfica ter sido considerada a mais importante indica que o uso da ditongação está fortemente relacionado com a variação dialetal de caráter geográfico. Os resultados apontaram que o uso da ditongação se torna mais frequente conforme há um distanciamento do extremo sul do país, com peso relativo de 0,26 para falantes de Porto Alegre; 0,68 para falantes de Florianópolis; e de 0,73 para falantes de Curitiba.

A segunda variável considerada mais importante pelo programa foi a *Qualidade da vogal*. Os dados apontaram que a vogal /E/ apresentou-se como a maior motivadora do fenômeno, com peso relativo de 0,70, seguida da vogal /a/, com peso relativo de 0,67. Os

números, na sua maioria, confirmam a hipótese relacionada a aplicação da regra e à qualidade da vogal.

A terceira variável *Ponto de articulação da sibilante coronal*, apontou a sibilante alveolar como a mais favorecedora na formação do ditongo, com peso relativo de 0,54, em comparação a sibilante palatal, com peso relativo de 0,24.

A quarta variável, considerada como mais relevante pelo programa foi o *Grau de escolaridade*. Foram considerados três níveis de escolaridade, primário, ginásio e secundário. Os resultados mostraram que os falantes do centro da escala, o ginásio, utilizam mais a regra em estudo, com peso relativo de 0,61, seguidos dos falantes do primário, com peso relativo de 0,48 e dos falantes do secundário com peso relativo de 0,40. A autora ressalta que a amostra não inclui dois pontos extremos da escala social, os analfabetos e os falantes com instrução superior.

O *Sândi externo*, foi a quinta variável apontada como mais relevante pelo programa, em que a ocorrência de sândi aparece como a mais favorecedora com peso relativo de 0,57 em oposição a 0,47, quando não ocorre sândi externo.

A sexta variável, a *Faixa etária*, apontou os mais velhos como os que mais usam a variável em estudo, com peso relativo de 0,54 em oposição aos mais jovens com peso relativo de 0,46. A autora ressalta que por conta da pouca diferença entre os pesos relativos e do pequeno tamanho da amostra, essa questão fica em aberto para estudos posteriores.

A variável *Status morfológico da sibilante*, foi dividida pela autora em duas subcategorias, *sibilantes pertencente à raiz da palavra* (três) e *sibilantes pertencentes aos morfemas derivacional ou flexional* (camponês, pés). Os resultados apontaram que a aplicação da ditongação. Ainda que pouco, é favorecida quando a sibilante encontra-se na raiz, com peso relativo de 0,51, em oposição a sibilante que encontra-se nos sufixos com peso relativo de 0,40.

Segundo Leiria (2000) a variável *Sexo* foi eliminada pelo programa por não apresentar correlação relevante do ponto de vista estatístico com o uso da regra. Os valores estatísticos para essa variável estavam próximos entre si e do ponto neutro, as mulheres com peso relativo de 0,48 e os homens com 0,53.

A autora conclui afirmando que com base nos resultados referentes dos fatores linguísticos, que apresentam os contextos mais favoráveis à aplicação da regra, a ditongação se aplica, preferencialmente na presença das vogais /E/ e /a/, seguidas da fricativa alveolar quando pertencente à raiz da palavra e forma o sândi com o contexto seguinte ao controlado. No que se refere aos fatores extralinguísticos, o caráter dialetal do ponto de vista de

geográfico é o mais favorecedor, seguido do *Grau de escolarização*, que apresentou uma configuração de padrão curvilíneo, que representa mudanças no sistema linguístico.

3.1.2 “A ditongação das sílabas tônicas finais travadas nos falares blumenauense e porto-alegrense: uma análise preliminar”

Uliano et al., (2014) no artigo *A ditongação das sílabas tônicas finais travadas nos falares blumenauense e porto-alegrense: uma análise preliminar*, analisa o fenômeno da ditongação oral no português brasileiro (doravante PB), em especial nos dialetos blumenauense e porto-alegrense. Os autores pretendiam verificar a frequência da ditongação nesses dois dialetos e apresentar uma caracterização acústica dessas produções.

Para a realização da pesquisa, os autores analisaram a ditongação das vogais orais tônicas [e, ε, o, u] em sílaba tônica final, e concluíram que a ditongação pode apresentar diferentes motivações, sociais (idade, sexo, escolaridade, dentre outras) ou linguísticas (lexical, morfológica, fonológica, dentre outras). Foram selecionados três informantes, um blumenauense o sexo masculino, de 31 anos e com ensino superior completo; e dois porto-alegrenses, sendo um do sexo masculino, de 25 anos, com ensino superior completo, e outro do sexo feminino, de 12 anos e com fundamental incompleto.

O corpus foi inserido em quatro experimentos de fala controlada: leitura de texto, frases reais, frase-veículo e palavras isoladas. Os dados foram analisados, segmentados e transcritos ortográfica e foneticamente, de acordo com a produção dos informantes. Após, foram analisados quantitativa e qualitativamente, por meio de uma análise acústica, a partir do *software Praat*.

Na análise qualitativa, analisou-se acusticamente, as produções das vogais preservadas ou ditongadas. Como exemplo da preservada e ditongada, apresentou-se a vogal baixa central [a] nas palavras *capataz* e *mas*; e concluíram que com base nesses comportamentos típicos de vogais preservadas e ditongadas, alguns dados apresentaram uma qualidade intermediária.

Na análise quantitativa, utilizou-se um conjunto de 228 dados, constituído por 96 ocorrências de vogal baixa central [a], 90 de vogal média alta anterior [e] e 21 das demais vogais. As autoras ressaltam que, por conta da baixa qualidade do sinal, cinco dados foram excluídos da análise, restando 223 dados (94 com vogal baixa central [a], 88 com vogal média alta anterior [e], 20 com vogal média baixa anterior [ε] e 21 com os demais casos).

De acordo com os autores, a vogal foi preservada em 80,38% dos dados analisados, enquanto 13,58% dos dados foram contabilizados como ditongos e 6,04% como gradientes.

As vogais que mais apresentaram frequência de ditongação, foram as vogais médias alta anterior [e], com 8,68% dos dados e a baixa central [a] com 3,02% dos dados.

Os resultados indicam que há três tipos de produções, a vogal preservada, a ditongada e a gradiente. A gradiente que se caracteriza por apresentar uma qualidade intermediária foi a mais recorrente com a vogal baixa central [a]. Observou-se, também, o predomínio de ditongação em contextos de vogal baixa central [a] e média alta anterior [e]. Contudo, as autoras ressaltam que as produções com qualidade gradiente ocorrem em contexto de vogal baixa central [a] e média alta anterior [e] no falar de Blumenau e no falar de porto Alegre em contextos de vogal baixa central [a].

3.1.3 “Ditongação diante de <s> na Bahia: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica”

Na tese intitulada “Ditongação diante de <S> na Bahia: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica”, Silva (2018) aborda do processo de ditongação vocálica diante de <S>, como nos vocábulos de(i)z, francê(i)s e rapa(i)z. O principal objetivo de Silva (2018), foi verificar a distribuição diatópica desse fenômeno, ou seja, a distribuições em diferentes regiões, mais precisamente em 22 cidades baianas que constituem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador (capital do estado), Valença, Jequié, Caetité, Cariranha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabrália e Caravelas; além de investigar os possíveis condicionamentos linguísticos e os efeitos dos fatores sociais na aplicação da regra.

Silva (2018) também buscou compreender quais as possíveis relações entre a distribuição diatópica da ditongação diante de <S> no estado da Bahia com características acústico- articulatórias das vogais que se ditongam.

A autora parte do pressuposto de que o fenômeno em questão é uma inovação do Português Brasileiro e que dadas as diferenças sociais, culturais e históricas das localidades estudadas, as vogais ditongadas se manifestam em proporções distintas no Estado da Bahia. Para Silva(2018), aspectos linguísticos como qualidade das vogais envolvidas, tonicidade das sílabas e a extensão dos vocábulos estudados, estão ligados à maior ou menor possibilidade de ocorrências da ditongação diante de <S>.

A autora ainda afirma que os aspectos acústicos relacionados à abertura das vogais e à sua duração são responsáveis pelas prováveis diferenças dialetais. Para tanto, Silva (2018) se

baseia nos pressupostos teóricos da Dialetoлогия, Sociolinguística Variacionista e da Fonética Acústica.

Para o estudo do fenômeno, a autora utilizou o material previamente capturado pelo projeto ALiB; foram ouvidas e transcritas ocorrências registradas nas gravações, por meio de um questionário Fonético-Fonológico e Semântico Lexical, constituindo uma amostra com 88 informantes, nascidos nas 22 cidades selecionadas, sendo 44 mulheres e 44 homens, distribuídos em duas faixas etárias: faixa etária I -18 a 30 anos e faixa etária II – 50 a 65 anos. A autora ressalta que, por conta do processo de digitalização do áudio do informante homem, da primeira faixa etária, de Juazeiro, tal inquérito foi descartado, sendo portanto, contemplados 87 dos 88 informantes inicialmente previstos. Quanto a escolaridade, a Silva (2018) afirma que a grande maioria cursou, ao menos, os primeiros anos da educação básica.

Para a análise dos dados a autora considerou quatro variáveis de ordem extralinguística: *variável geolinguística- diatópica; variáveis sociais- sexo e faixa etária dos informantes*; e as variáveis linguísticas: *Número de sílabas da palavra fonológica; Qualidade da vogal no núcleo silábico; Posição da sílaba na palavra fonológica; Tonicidade da sílaba fechada por <S>; Realização fonética da consoante em coda silábica e Posição da consoante com relação à palavra fonológica;*

A análise dos dados se deu por meio do programa *GOLDVARB 2001*; Segundo Silva (2018), em uma primeira rodada, o programa apontou, oito das nove variáveis como estatisticamente relevantes, descartando apenas a variável faixa-etária. Com o intuito de averiguar as realidades sociais de cada uma das localidades foi realizado uma segunda rodada, e dessa vez, foram descartados além da variável sexo e escolaridade, que já haviam se mostrado pouco produtivas, o grupo de fatores *posição da sílaba na palavra fonológica*.

No que se refere às variáveis linguísticas, a primeira variável considera como mais relevante foi o *número de sílabas na palavra fonológica*, apontando os vocábulos monossílabos como os mais favorecedores, com peso relativo de 0,84; a *qualidade da vogal no núcleo silábico*, destacando a vogal baixa centra [a] como a mais favorecedora com peso relativo de 0,72; a *posição da sílaba na palavra fonológica*, sendo a posição final a mais favorecedora, com peso relativo de 0,87; a *tonicidade da sílaba fechada por <S>*, em que a sílaba tônica é a que mais influencia a ditongação com peso relativo de 0,87; *realização fonética da consoante em coda silábica*, sendo as consoantes fricativas alveolares, as mais favorecedoras, com peso relativo de 0,58; *posição da consoante com relação à palavra fonológica*, apontando a consoante em coda absoluta como a que mais influencia, com peso relativo de 0,69.

A autora afirma que por meio da análise variacionista realizada com o GoldVarb 2001, foram identificados quatro diferentes comportamentos quanto a ditongação <S>: (i) cidades baianas em que os pesos relativos pertinentes à ditongação diante de <S> são elevados; (ii) cidades que apresentam pesos levemente favoráveis quanto à ditongação; (iii) cidades com pesos próximos à neutralidade; (iv) cidades em que os informantes restringem a ditongação.

De acordo com a autora, destacam-se no primeiro grupo as cidades de Salvador e Santo Amaro como líderes no fenômeno da ditongação, e no último grupo encontra-se as cidades de Vitória da Conquista e Caririnha. No que tange as características sociais dos informantes, sexo dos indivíduos e faixa etária, compreendeu-se que são dispensáveis no estudo da ditongação diante de <S>. E que as diferenças entre homens e mulheres, indivíduos da faixa I e II, entre si, são pequenas, quanto a possibilidade de ditongação.

3.1.4 “Ditongação e Monotongação nas capitais brasileiras”

No artigo intitulado “Ditongação e Monotongação nas capitais brasileira”, Aragão (2014), analisa o material fonético-fonológico colhido pela pesquisa do Atlas Linguístico do Brasil. A autora realizou a análise com uma amostragem de 200 (duzentas) entrevistas, com informantes de 25 capitais brasileiras. Segundo Aragão (2014), procurou-se descrever e analisar a realização de vogais puras que se ditongam e de ditongos que se monotongam, além de correlacionar esses fenômenos com os contextos linguísticos em que foram produzidos, estudar as implicações sociolinguísticas de tais usos.

Para a realização do estudo, foram escolhidas 25 capitais brasileiras, com um total de 200 informantes, oito de cada localidade, apresentando as seguintes características: duas faixas etárias (18 a 30 anos – 45 a 65 anos); gênero (masculino e feminino); escolaridade (até a 8ª série do Fundamental e Ensino Superior); Origem (nascidos na localidade, de pais também nascidos na localidade). Os itens analisados foram coletados a partir de questionário Fonético-Fonológico (QFF).

Aragão (2014) esclarece que para a ditongação foram analisadas 07 questões, com os 200 informantes, num total de 1400 ocorrências. Das ocorrências válidas restaram 1350 dados para análise, pois o informante respondeu com outra variante do item lexical, que não a esperada. As seguintes hipóteses foram levantadas para a realização da pesquisa: a ditongação e monotongação constituiriam variantes regionais do português do Brasil; a ditongação de vogais puras e a monotongação de ditongos seriam marcas de variantes sociais relativas ao

sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes e o tipo de registro de fala; aliadas aos fatores diastráticos, estariam as variantes fonéticas, puramente linguísticas: tipo de vogal, contextos anterior e posterior, tonicidade e extensão da palavra.

Para a análise dos dados, tomaram-se os seguintes parâmetros: a) Tipo de vogal que se ditonga, sendo as vogais orais /a, E, e, i, o, u/ as que mais pode ditongar no falar das capitais brasileiras, contudo a autora ressalta que a vogal /i/ se mostrou pouco expressiva como ditongo; b) Contexto posterior, em que os contextos favorecedores foram os fonemas /a, z/ e o arquifonema /S/; c) Tonicidade, sendo a sílaba tônica a que mais favorece a ditongação, nas palavras com mais de uma sílaba, a tônica final favorece a ditongação; d) Extensão da palavra, sendo as palavras monossilábicas e as dissilábicas as que mais ditongam; e) Registro, sendo o registro coloquial, informal e familiar, os que mais favorecem a ditongação.

A autora ressalta que os parâmetros de localidade, dialetais ou diatópicos, e sociolinguísticos ou diastráticos: Faixa Etária, Sexo e Escolaridade apresentaram percentuais insignificantes no tocante à ditongação. Os resultados apontados revelaram que do total de ocorrências válidas restaram 1350 dados para análise, dos quais 972, ou 72% se ditongaram e 378, ou 28% não se ditongaram.

Segundo a autora, a hipótese de variante regional ou estadual foi totalmente descartada, pois segundo a mesma, os mesmos fenômenos ocorrem em diferentes regiões do país, comprovados por trabalhos de estudiosos que analisaram esses falares regionais. A hipótese de que a ditongação e monotongação seriam marcas de variantes sociais quanto à faixa etária e ao sexo, não foi confirmada. Confirmou-se, parcialmente, quanto à variante registro de fala, enquanto a variável escolaridade teve pequena importância, o registro de fala foi decisivo, ou seja, o registro coloquial, informal, e familiar foi o que mais favoreceu. Os resultados também confirmaram a hipótese de variante fonética.

3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ESTUDOS ABORDADOS

De modo geral, todos os estudos resenhados nesta seção apontaram as variáveis linguísticas como as que mais influenciam na realização da ditongação, assim como todos foram unânimes em afirmar que os fatores sociais como sexo e faixa etária não exercem forte influência na aplicação da regra.

Em relação aos fatores linguísticos, as principais variáveis recorrentes nos estudos aqui apresentados foram: *qualidade da vogal, ponto de articulação, número de sílabas, a posição*

da sílaba na palavra fonológica, a tonicidade da sílaba; a realização fonética da consoante em coda silábica, e posição da consoante e o registro, sândi externo, status morfêmico da sibilante.

Para Leiria (2000), os fatores favorecedores à aplicação da regra foram: *Variedade geográfica; qualidade da vogal; ponto de articulação da sibilante coronal; grau de escolaridade; sândi externo; faixa etária* que apontou os mais velhos como os que mais usam a variável em estudo, porém por conta da pouca diferença entre os pesos relativos e do pequeno tamanho da amostra, a autora ressalta que essa questão fica em aberto para estudos posteriores; e o *status morfêmico da sibilante*.

Nos estudos de Uliano et al., (2014), as vogais que mais apresentaram frequência de ditongação, foram as vogais médias alta anterior [e], com 8,68% dos dados e a baixa central [a] com 3,02% dos dados. Os resultados indicaram que há três tipos de produções, a vogal preservada, a ditongada e a gradiente.

Nos estudos de Silva (2018) as variáveis linguísticas como: *o número de sílabas na palavra fonológica; qualidade da vogal no núcleo silábico; posição da sílaba na palavra fonológica; a tonicidade da sílaba; a realização fonética da consoante em coda silábica; e posição da consoante* foram as principais favorecedoras para a realização do fenômeno.

Aragão (2014) expõe que as variáveis consideradas relevantes para a realização do fenômeno foram as seguintes: *tipo de vogal; contexto posterior; tonicidade; extensão da palavra* e o *registro*, sendo o registro coloquial, informal e familiar, os que mais favorecem a ditongação.

Desse modo, os estudos aqui mencionados são essenciais para compreender como tem sido os estudos acerca da ditongação em diferentes regiões do país e quais os resultados obtidos, assim será possível dar continuidade as pesquisas, para contribuir ainda mais com o que já vem sendo desenvolvido.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As entrevistas aqui analisadas foram coletadas pelo projeto de pesquisa: *A coda silábica no português da comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba*¹: *análise sociolinguística*², em 2013. As entrevistas realizadas pelo projeto seguiram os pressupostos metodológicos da sociolinguística variacionista, adotando a narrativa de experiências pessoais como método de coleta, para tanto foi elaborado um roteiro de perguntas que nortearam as 12 entrevistas, no total. Os informantes foram estratificados quanto ao sexo (masculino/feminino) e idade (faixa I: de 20 a 40 anos; faixa II: de 41 a 60 anos; faixa III: mais de 60 anos).

4.1 A COMUNIDADE

A comunidade de Alto Alegre-Ba, fica situada na zona rural da cidade de Presidente Tancredo Neves. Almeida (2016) afirma que no ano de 2008, Alto Alegre e mais sete comunidades quilombolas, também situadas na zona rural de Presidente Tancredo Neves, foi certificada pela Fundação Palmares como sendo uma comunidade remanescente de quilombo. Segundo a autora, a comunidade tem cerca de 102 famílias que totalizam uma população de 378 habitantes.

Almeida (2016) afirma que as informações sobre a comunidade são escassas, e que não há registros históricos sobre a comunidade em nenhum órgão público da cidade. Os dados acima citados, segundo a autora foram encontrados nos sites da Fundação Cultural Palmares, do IBGE e do Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território Baixo Sul da Bahia. A autora ainda afirma que os dados históricos encontrados, foram coletados pelos moradores da comunidade, por meio de entrevistas.

¹ A comunidade de Alto Alegre fica localizada na zona rural da cidade Presidente Tancredo Neves, no Baixo Sul da Bahia. A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2008 como uma comunidade remanescente de quilombo.

² O projeto de pesquisa *A coda silábica no português da comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba: análise sociolinguística* faz parte de grupo de pesquisa: Estudos do Português Popular da Bahia, coordenado pelo professor doutor Gredson dos Santos. No período da realização das entrevistas, o grupo era sediado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

4.2 O *CORPUS*

Para a realização deste trabalho foram analisadas 12 entrevistas, divididas quanto ao sexo (feminino- 06 entrevistas e masculino- 06 entrevistas) e idade (faixa I: 20 a 40 anos; faixa II: 41 a 60 anos; na faixa III: acima de 60 anos), vale ressaltar que os informantes possuíam pouca ou nenhuma escolaridade.

Inicialmente, decidiu-se pelo levantamento das 50 primeiras ocorrências em cada entrevista; no entanto, em duas delas não obtivemos o total das 50 ocorrências: em uma entrevista, houve apenas 21 ocorrências, e em outra, 38. Desse modo, realizaram-se duas rodadas: a primeira rodada com todos os dados (559) e a segunda igualando todas as rodadas ao menor número de ocorrências encontradas, 21 ocorrências, com o objetivo de comparar se as diferenças na quantidade dos dados interferiram nos resultados. Portanto, nesta segunda, rodada foram analisados 252 dados.

No processo de seleção dos dados, alguns fatores foram excluídos: i) os casos em que o vocábulo possuía valor de plural, pois observou-se que essas ocorrências eram baixas; ii) as ocorrências em que o /S/ foi apagado ou aspirado; iii) os casos em que a vogal antecedente era uma vogal anterior alta, pois é difícil perceber se há uma ditongação; iv) os casos em que o /S/ em coda já era precedido de um ditongo; v) os trechos pouco claros na entrevista ou que deram margens a qualquer dúvidas.

4.3 O TRATAMENTO QUANTITATIVO E AS VARIÁVEIS

O tratamento dos dados foi realizado com auxílio do GOLDVARB X, um programa computacional que integra o pacote de programas do VarbRul, criado por Sankoff, Tagliamonte e Smith. O GOLDVARB X é “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, p. 105). Os resultados obtidos através do programa, são essenciais para confirmar ou não a hipótese inicial, ao apontar determinado grupo de fator como significativo ou não à realização do fenômeno.

A variável dependente estudada foi de alternância binária entre ausência e presença de ditongação diante de /S/.

As variáveis independentes foram elaboradas a partir leituras de trabalhos que estudam a ditongação diante de /S/. A partir da leitura desses textos, observaram-se as hipóteses que autores como Silva (2014), Silva (2019) e Leiria (2000) levantaram acerca dos fatores que

podem influenciar a presença e ausência do ditongaço. Sendo assim, tomou-se as seguintes variáveis independentes linguísticas para este trabalho:

- **Posição da consoante:** medial (gosto), final seguido (trê[y]s ve[y]s), final absoluto (Jesu[y]s);
- **Posição da sílaba:** inicial (custura), medial (composta) e final (me[y]s);
- **Tonicidade da sílaba em que ocorre a variável:** sílaba tônica (trê[y]s) e sílaba átona (pescou);
- **Extensão do vocábulo:** monossílabo (vez), dissílabo (festa) e três ou mais sílabas (agosto);
- **Características da vogal precedente:** anterior média-fechada /e/, anterior média-aberta /ɛ/, central baixa /a/, posterior alta /u/, posterior média fechada /o/, posterior média aberta /ɔ/ e semivogal posterior /w/;
- **Características da consoante seguinte:** oclusivas labiais (/p/, /b/), oclusivas alveolares (/t/, /d/), oclusivas velares (/k/, /g/), fricativas labiais (/f/, /v/), africadas (/tʃ dʒ/), nasal labial (/m/), nasal alveolar (/n/), lateral (/l/);
- **Sonoridade da consoante seguinte:** vozeada e desvozeada;
- **Classe morfológica do vocábulo:** substantivos, e adjetivos, advérbios, determinante, pronome e conectivos.

As variáveis extralinguísticas foram:

- **Faixa etária dos informantes:** faixa I (20 a 40 anos), faixa II (41 a 60 anos) e faixa III (mais de 60 anos).
- **Sexo dos informantes:** masculino e feminino.

Expostos os métodos adotados para a análise da ditongaço diante de /S/, verificou-se, por meio do programa GOLDVARB X, como se comportou as ocorrências do fenômeno na comunidade a partir dos critérios acima citados. Sendo assim, a seção a seguir se dedica a mostrar os resultados obtidos na análise dos dados na comunidade de Alto Alegre-Ba.

5 A DITONGAÇÃO EM SÍLABA TRAVADAS POR /S/ NA COMUNIDADE ALTO ALEGRE-BA

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos a partir da análise da ditongação em sílabas travadas por /S/ por meio do programa GOLDAVAB X, a fim de observar o comportamento das variáveis no português falado na comunidade de Alto Alegre-Bahia. Os resultados serão comparados aos estudos de Silva (2014) e Silva (2018).

5.1 A DITONGAÇÃO NO *CORPUS*

Como tratado na seção metodológica, decidiu-se pelo levantamento de 50 ocorrências em cada entrevistas, no entanto em duas, das doze entrevistas, não obtivemos o número de ocorrências necessárias, em uma das entrevista houve apenas 21 ocorrências, e em outra 38 ocorrências. Assim, realizou-se uma primeira rodada com todos os dados (559) e uma segunda rodada igualando todas as rodadas ao menor número encontrado, 21 ocorrências, totalizando 252 ocorrências, com o intuito de observar se a diferença na quantidade dos dados interferiram nos resultados.

Houve presença de ditongação em sílabas travadas por /S/, em palavras como de[y]s, produ[y]s, ma[y]s, entre outras. Assim a tabela 1 e as tabelas de 2 a 6 da subseção 4.1.2 são referentes a primeira rodada, realizada com todos os dados (559 no total). Já as tabelas de 7 a 11 da subseção 4.1.3 são correspondentes a segunda rodada, realizada com 21 dados de cada entrevista que totalizou 252 ocorrências.

A realização das duas rodadas se baseia na tentativa de obter dados bem sucedidos, por meio do equilíbrio das ocorrências. Como na primeira rodada não se obteve o número de ocorrências necessárias para uma linearidade dos dados, optou-se por fazer uma segunda rodada reduzindo e igualando o número de dados a 21, obedecendo a teoria abordada por Guy e Zilles (2007, p. 38), sobre a ortogonalidade dos dados:

Para uma análise de regra variável ser bem-sucedida, os grupos de fatores devem estar bem estabelecidos de maneira a serem ortogonais e independentes. Isto é, eles devem se distribuir de maneira que, tanto quanto possível, cada fator em um grupo possa co-ocorrer com cada fator entre os outros grupos. E cada um deve representar uma restrição logicamente separada e isolável.

Os autores ainda afirmam que a grande questão é como os dados estão distribuídos entre as categorias nos diferentes grupos de fatores, ou seja, com uma distribuição equilibrada

é possível obter resultados analíticos significativos, “o caso analítico ideal é o de uma distribuição equilibrada com todas as células contendo números iguais” (Guy e Zilles, 2007, p. 58). Por isso a necessidade da realização de uma segunda rodada igualando o número de ocorrências.

TABELA 1

A ditongação em sílaba travada por /S/ em Alto Alegre-Ba

Ditongação	Nº/Total	%
Presença	270	48,2
Ausência	290	51,8
Total	560	

Input 0.963; Log likelihood = -8.312 Significance = 0.000

Os resultados apresentados na *Tabela 1* indicam o resultado geral de ocorrências da ditongação em sílabas travadas por /S/. Os dados apontam uma diferença mínima em relação a presença e ausência de ditongação, com uma porcentagem de 51,8 para a ausência do fenômeno, contra 48,2% apontando a presença do fenômeno.

Nos trabalhos de Silva (2014) e Silva (2018) há uma taxa de ditongação de 21% e 25%, respectivamente. Se comparado com os resultados apontados na Tabela 1, observa-se que na comunidade de Alto Alegre-Ba, há uma alta taxa de aplicação da regra.

Segundo Lucchesi (2009), o português afro-brasileiro apresenta especificidades em relação as outras normas, sobretudo, no que diz respeito a morfossintaxe. Os estudos morfossintáticos têm apontado que o processo de enfraquecimento, sobretudo na concordância, em comunidades quilombolas, pode ser associado ao processo de contato entre línguas. Na perspectiva fonético-fonológico Santos (2012) realizou uma pesquisa na comunidade afro-brasileira de Helvécia, no interior da Bahia, analisando o /S/ em com coda silábica. O autor observou que essas comunidades exibem uma taxa mais elevada de apagamento se comparada a outros trabalhos tanto da norma culta quanto da norma popular. Almeida (2019) também observou nas comunidades afro-brasileiras de Cinzento e Sapé que as taxas de apagamento são mais intensas quando comparada a outras normas. Santos e Almeida (2017), ao fazer uma análise da monotongação de <ey> Alto Alegre, observaram que há uma alta taxa de monotongação (60,2%) na comunidade, sobretudo nos contextos finais, nos quais em outros trabalhos tem apontado que há uma tendência à conservação do ditongo. Sendo assim, no que se refere ao estudo da ditongação diante da fricativa /S/, na comunidade

de Alto Alegre, observa-se que os resultados seguem a tendência dos estudos de Santos e Almeida (2017), uma vez que há uma intensidade na aplicação da ditongação.

5.1.2 A ditongação em Alto Alegre-BA

Nesta subseção serão apresentados os resultados referentes a ditongação em sílabas travadas por /S/, realizados na primeira rodada com todos os dados, totalizando 559. Por ordem de importância o programa selecionou os seguintes fatores: *Posição da sílaba no item*, *tonicidade da sílaba*, *posição da consoante no item*, *consoante seguinte* e *extensão do vocábulo*.

TABELA 2

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *posição da sílaba*

Posição da sílaba	Apl./Total	%	P.R
Final	267/277	96,4	0,67
Inicial	3/279	1,1	0,32
Total	270/549	49,2	

Input 0.963; Log likelihood = -8.312 Significance = 0.000

Como foi possível observar na *Tabela 2*, *posição da sílaba no item*, as sílabas quando encontram-se em posição final tendem a favorecer a ditongação, como em *rapa[y]s*, *talve[y]s* e *me[y]s*, com peso relativo 0,67; já em iniciais como em *gostu*, *escola* e *raspa*, com peso relativo 0,32, não favorecem. Neste trabalho, não houve casos de ditongação em sílabas mediais. Silva (2014) obteve resultado contrário a este: em sílabas finais com peso relativo 0,28 e iniciais 0,70. Já em sua tese, Silva (2018) obteve resultado semelhante, sendo as sílabas em posições finais as que mais favorecem, com peso relativo de 0,87 e as iniciais com peso relativo de 0,25.

TABELA 3

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *tonicidade da sílaba*

Tonicidade da sílaba	Apl./Total	%	P.R
Tônica	265/439	60,4	0,84
Átona	5/121	4,1	0,002
Total	270/560	48,2	

Input 0.963; Log likelihood = -8.312 Significance = 0.000

Na *Tabela 3, tonicidade da sílaba*, pode-se observar que a sílaba tônica é a que mais favorece à realização da ditongação como em ter[y]s, me[y]s e atra[y]s, com peso relativo 0,84. Já as sílabas átonas não apresentam tendência à ditongação. Em consonância com o trabalho de Silva (2014), as sílabas tônicas são as que mais favorecem a ditongação com peso relativo de 0,65, enquanto as sílabas átonas não favorecem com peso relativo de 0,40. Os resultados seguem a tendência dos encontrados por Silva (2018), segundo o qual as sílabas tônicas eram as que mais favoreciam com peso relativo de 0,87 e as átonas que não influenciam para a realização do fenômeno obteve peso relativo de 0,08.

TABELA 4

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *posição da consoante*

Posição da consoante	Apl./Total	%	P.R
Final seguido de vocábulo	213/220	96,8	0,80
Final absoluto de vocábulo	57/60	95	0,006
Total	270/280	96,4	

Input 0.963; Log likelihood = -8.312 Significance = 0.000

A *Tabela 4, posição da consoante no item*, demonstra que o final seguido é o que mais contribui para a realização da ditongação, a exemplo de fa[y]s tempo, de[y]s dia e ve[y]s que, com peso relativo de 0,80. Em contrapartida, o final absoluto não contribui para a realização da ditongação.

TABELA 5

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *consoante seguinte*

Consoante seguinte	Apl. / Total	%	P.R
Oclusiva alveolar	84/337	24,9	0,65
Fricativa labiodental	20/22	90,9	0,64
Oclusiva bilabial	30/43	69,8	0,49
Oclusiva velar	39/59	66,1	0,02
Total	173/461	37,5	

Input 0.963; Log likelihood = -8.312 Significance = 0.000

Conforme é possível observar na *Tabela 5, tipo de consoante seguinte*, a oclusiva alveolar é a que mais influencia para a realização da ditongação diante de <S>, como em: Ma[y]s **tin**ha e ter[y]s **di**a, com peso relativo de 0,65, seguida da fricativa labiodental como em: No[y]s **fom**o, com peso relativo de 0,64. Enquanto a oclusiva bilabial e a oclusiva velar não contribuem de forma significativa para a realização do fenômeno.

TABELA 6

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *extensão do vocábulo*

Extensão do vocábulo	Apl./Total	%	P.R
Monossílabo	212/213	99,5	0,92
Dissílabo	58/256	22,7	0,11
Total	270/469	57,6	

Input 0.963; Log likelihood = -8.312 Significance = 0.000

Na *Tabela 6, extensão do vocábulo*, percebe-se que os vocábulos monossílabos são os principais favorecedores à realização da ditongação diante de /S/, com peso relativo 0,92, em palavras como Fa[y]s, Ve[y]s e No[y]s, enquanto que os vocábulos dissílabos, não contribuem para a ditongação. Resultado similar foi possível observar em Silva (2014), em que os vocábulos com apenas uma sílaba favoreceram a ditongação com peso relativo 0,92.

Em Silva (2018) os resultados seguem a mesma tendência, sendo os monossílabos mais favorecedores com peso relativo de 0,84.

Tais resultados, apresentam de forma clara, quais os fatores favorecedores à ditongação diante de /S/ obtidos na primeira rodada. O principais fatores para a realização do fenômeno foram: *A posição da sílaba no item*, em que a posição final é a que mais influencia, com peso relativo de 0,67; seguidos da *Tonicidade da sílaba*, com peso relativo de 0,84, apontando a sílaba tônica como a que mais importa para a realização do fenômeno; *Posição da consoante no item*, apontando as consoantes com finais seguidos as que mais favorecem a ditongação com peso relativo de 0,80; *Tipo de consoante seguinte*, sendo a Oclusiva alveolar e a fricativa labiodental as que mais favorecem, com peso relativo de 0,65 e 0,64, respectivamente; e a *extensão do vocábulo*, em que os monossílabos são os principais responsáveis pela ditongação com peso relativo de 0,92.

O programa não selecionou fatores sociais como sexo e faixa etária, uma vez que os valores obtidos para esses fatores foram muitos próximos entre si e do ponto neutro, como podemos observar nos gráficos abaixo:

Gráfico I – Sexo do Informante

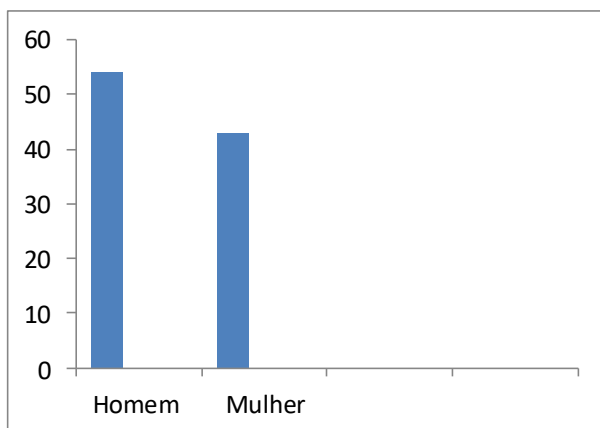
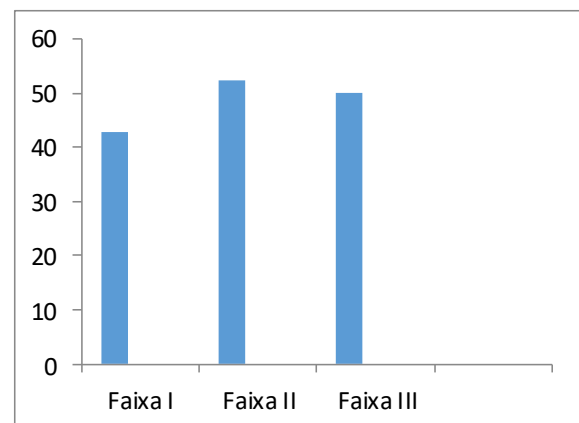


Gráfico II – Faixa etária



No gráfico I, pode-se observar o percentual, da ditongação na comunidade de Alto Alegre, em relação ao sexo do informante. Os números apontam um percentual próximo para homens e mulheres, 44% para mulheres, contra 56% para homens.

No gráfico II, faixa etária, os números para as três faixas etárias são bem similares. Cerca de 42% para a faixa etária I, 52% para a faixa etária II e 50% para a faixa etária III. Como já mencionado, os números estão bem próximos do ponto neutro, motivo pelo qual o programa não selecionou tais fatores.

A não seleção dos fatores sexo e faixa etária aponta que o fenômeno encontra-se generalizado na comunidade, ou seja, homens e mulheres independente da faixa etária estão aplicando a regra da ditongação.

5.1.2 Fatores selecionados na segunda rodada

Como já mencionado anteriormente, a título de comparação foi realizada uma segunda rodada com 21 ocorrências para cada uma das doze entrevistas, totalizando 252 ocorrências, contudo não foram encontradas diferenças significativas nos resultados. Para a segunda rodada, por ordem de importância, o programa selecionou os seguintes fatores: *posição da consoante no item*, *posição da sílaba no item*, *tonicidade da sílaba* e *classe morfológica*, sendo assim a segunda rodada não considerou a *consoante seguinte* e a *extensão do vocábulo* como fatores favorecedores e sim a *classe morfológica*. É importante destacar que o fator *extensão do vocábulo* foi retirado desta rodada por ter apontado nocaute.

TABELA 7

A ditongação em sílaba travada por /S/ em Alto Alegre-Ba

Ditongação	Nº/Total	%
Presença	119	47,2
Ausência	133	52,8
Total	252	

A tabela acima apresenta os resultados gerais, corroborando com a Tabela 1 da rodada anterior, com porcentagem 51,8 na primeira rodada, e de 52,8 na segunda rodada, contra 48,2 para presença de ditongação na primeira e 47,2 nesta rodada.

TABELA 8

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *posição da consoante*

Posição da consoante	Apl. / Total	%	P.R
Final seguido de vocábulo	92/96	95,8	0,67
Final absoluto de vocábulo	27/29	93,1	0,08
Total	119/125	95,2	

Input 0. 0.867; Log likelihood = -4.314 Significance = 0.004

Na *Tabela 8, posição da consoante seguinte*, os números seguem a tendência do resultado obtido na rodada anterior, apontando o final seguido como o que mais favorece à realização da ditongação, com peso relativo de 0,80 na primeira rodada e de 0,67 nesta rodada.

TABELA 9

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *posição da sílaba no item*

Posição da sílaba	Apl. / Total	%	P.R
Final	116/122	95,1	0,80
Inicial	3/122	2,5	0,19
Total	119/244	48,8	

Input 0. 0.867; Log likelihood = -4.314 Significance = 0.004

Na *Tabela 9, posição da sílaba no item*, há uma propensão, assim como na rodada anterior, das sílabas que se encontram em posição final de sílaba, favorecerem a ditongação com peso relativo de 0,67 na primeira rodada e 0,80 na segunda rodada. Em contrapartida, as que se encontram em posição inicial não apresenta influencia à ditongação. Assim como na rodada anterior, não houve casos de ditongação em posição medial.

TABELA 10

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *tonicidade da sílaba*

Tonicidade da sílaba	Apl. / Total	%	P.R
Tônica	116/195	59,5	0,89
Átona	3//57	5,3	0,001
Total	119/252	47,2	

Input 0. 0.867; Log likelihood = -4.314 Significance = 0.004

No que se refere a *Tabela 10, tonicidade da sílaba*, os resultados mantiveram semelhanças com os da rodada anterior, ao apontar que a sílaba tônica é o que mais favorece à realização da ditongação, com peso relativo de 0,84 na primeira rodada, ao tempo que nessa rodada o peso relativo foi similar, com 0,89. Enquanto que as sílabas átonas não apresentam influências à realização do fenômeno em ambas as rodadas.

TABELA 11

Ditongação em sílabas travadas /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba quanto à *classe morfológica*

Classe morfológica	Apl. / Total	%	P.R
Substantivo	37/89	41,6	0,67
Numerais	14/16	87,5	0,56
Verbos	15/92	16,3	0,31
Total	66/131	33,5	

Input 0. 0.867; Log likelihood = -4.314 Significance = 0.004

Na *Tabela 11, classe morfológica*, o programa apontou os substantivos como os que mais contribuem para a ditongação, com em Rapa[y]s e Pe[y]s, com peso relativo 0,67, seguido dos numerais com peso relativo de 0,56, e dos verbos, com peso relativo de 0,31. Na primeira rodada o programa não considerou esse fator como relevante.

Embora com o número de ocorrências reduzido, os resultados da segunda rodada se mostram muito similares aos obtidos na primeira rodada. Não houve diferenças significativas, exceto no que se refere à seleção dos fatores. Enquanto na primeira rodada o programa

selecionou cinco fatores como os principais, *Posição da sílaba no item*, *tonicidade da sílaba*, *posição da consoante no item*, *consoante seguinte* e *extensão do vocábulo*. Na segunda rodada o programa não considerou dois fatores favorecedores da rodada anterior, *A consoante seguinte* e a *Extensão do vocábulo* e acrescentou um fator não apontando na primeira rodada *A classe morfológica*. Em ambas as rodadas os fatores sociais não foram considerados relevantes para realização da ditongação, isso indica que o fenômeno já está instalado na comunidade, uma vez que homens e mulheres de diferentes faixas etárias aplicam a regra. No que concerne ao fator extensão do vocábulo, este foi eliminado pelo programa por apresentar nocaute, ou seja, para dissílabos houve variação da regra, já para os monossílabos houve 100% de aplicação, desse modo o programa não considerou esse fator.

5.1.3 Breves considerações acerca dos resultados encontrados

Ao longo da seção, foi possível observar quais os fatores que favoreceram a ditongação em sílabas travadas por /S/. Em ambas as rodadas o programa considerou apenas os fatores linguísticos, nenhum fator social, como idade, sexo ou faixa etária foi considerado relevante à realização do fenômeno. Na primeira rodada o programa GOLDAVB X selecionou cinco fatores como os mais importantes para a realização do fenômeno, sendo eles: *Posição da sílaba no item*, que apontou a posição final como mais favorecedora, com peso relativo de 0,67; *Tonicidade da sílaba*, sendo a sílaba tônica a mais favorável à realização do fenômeno, com peso relativo de 0,84; *Posição da consoante no item*, sendo o final seguido o que mais contribui para a ditongação, com peso relativo de 0,80; *A consoante seguinte*, sendo a Oclusiva alveolar a que mais influencia com peso relativo de 0,65; e a *extensão do vocábulo*, apontando os monossílabos como os mais propícios à ditongação, com peso relativo de 0,92.

Na segunda rodada o programa selecionou quatro fatores como os mais importantes *posição da consoante no item*, seguindo a tendência da rodada anterior, sendo o final seguido o mais favorecedor, com peso relativo 0,67; *posição da sílaba no item*, sendo a sílaba final a que mais favorece, com peso relativo 0,80; *tonicidade da sílaba*, em que a sílaba tônica é a que mais influencia com peso relativo 0,89; e a *classe morfológica*, que considerou o substantivos como a classe mais importante a realização do fenômeno, com peso relativo de 0,67, seguido dos numerais com peso relativo de 0,56.

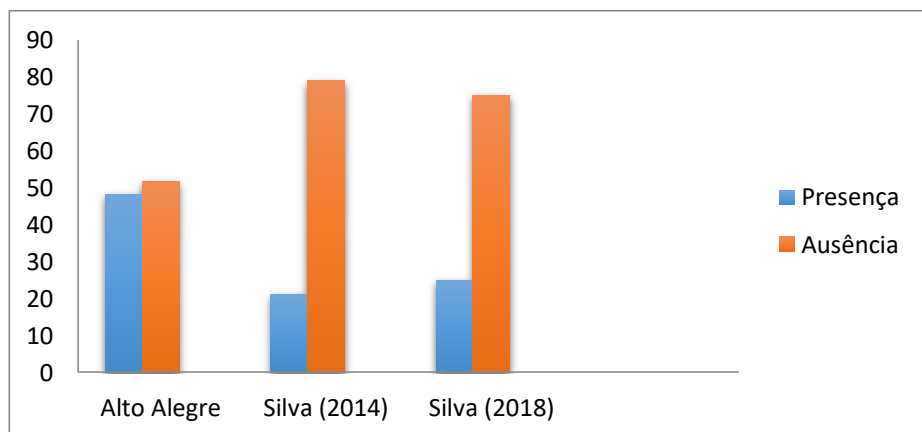
A segunda rodada não considerou a *consoante seguinte* e a *extensão do vocábulo* como fatores favorecedores e sim a *classe morfológica*, não considerado na primeira rodada.

Quanto aos resultados não houve diferenças significativas, entre a primeira e a segunda rodada, mesmo reduzindo o número de ocorrências.

Como mencionado anteriormente, trabalhos como o de Santos (2012), Santos e Almeida (2017) e Almeida (2019), apontam que comunidades afro-brasileiras apresentam especificidades em relação a outras comunidades, como o apagamento de /S/ que pode ser mais intenso e a monotongação de /ey/. Observou-se, neste trabalho, quando comparado com o resultado de Silva (2014) e (2018), que há na comunidade uma alta taxa de ditongação diante de /S/, como podemos observar no gráfico abaixo. Essa alta taxa de ditongação pode ser associada ao processo de formação da comunidade, que pode ter passado por um processo de contato entre línguas.

GRÁFICO 3

A ditongação em três diferentes *corpora*



Embora os resultados linguísticos tenham sido semelhantes aos encontrados por Silva (2014) e Silva (2018), no que se refere à ditongação, Alto Alegre exibe taxas mais elevadas quando comparadas aos resultados obtidos pela autora. Conforme se pode verificar nos gráficos acima, Silva (2014), obteve um total de 8.895 ocorrências, sendo 1.873 casos de ditongação, totalizando 21%, contra 7.022 casos de ausência de ditongação, totalizando 79%. Em Silva (2018) a tendência é a mesma, de um total de 5.001 ocorrências, 1.254 apontam para a presença de ditongação, totalizando 25%, contra 3.747 casos de ausência de ditongação, totalizando 75%. Na comunidade de Alto-Alegre, a ditongação se apresentou de forma mais intensa, visto que de um total de 560 ocorrências, 270 apontam para a presença de ditongação, totalizando 48,2%, contra 290 para a ausência de ditongação, totalizando 51,8%.

Esse resultado, conforme discutido anteriormente, pode indicar que comunidades que possivelmente passaram por um processo de contato com as línguas africanas exibem uma taxa mais intensa de ditongação, assim como os resultados de Santos (2012) que apontam uma intensidade no apagamento /S/ em coda silábica em comunidades afro-brasileiras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar como se configura a ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade de Alto Alegre-Ba, visto que a mesma foi certificada como quilombola pela fundação Palmares, e pode ter sido influenciada pelo contato com outras línguas. Assim, tomou-se como objetivos, observar como se dá a ditongação na comunidade, além de investigar quais os contextos mais favoráveis a ditongação e ampliar a base de dados sobre os estudos do fenômeno em questão.

A pesquisa se baseou nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), ciência que estuda a relação entre língua e sociedade. Para a sociolinguística, a língua é um sistema organizado, de modo que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, e sua variabilidade é resultado de fatores que estão presentes na sociedade (fatores extralinguísticos), e fatores que estão dentro da própria língua (fatores linguísticos). Para tanto, partiu-se das hipóteses de que possivelmente há uma intensidade na ditongação em sílabas travadas por /S/ na comunidade; os fatores extralinguísticos são favorecedores para a ditongação; e que a ditongação tende a ser mais frequente em sílabas finais do que em mediais.

Os resultados apontam para intensidade na ditongação quando comparado as taxas de Silva (2014) e (2018), houve uma taxa de ditongação de 21% e 25%, respectivamente. Na comunidade de Alto Alegre a porcentagem foi de 51,8 para a ausência do fenômeno, contra 48,2% apontando a presença do fenômeno, porcentagem relativamente alta em comparação aos trabalhos de Silva (2014) e (2018).

A fim de comparação e para uma maior confiabilidade dos resultado, foram realizadas duas rodadas, a primeira com todos os dados encontrados (559) e uma segunda rodada igualando todas as rodadas ao menor número encontrado, 21 ocorrências, totalizando 252 ocorrências.

Quanto aos fatores linguísticos, na primeira rodada o programa apontou por ordem de importância, os seguintes fatores como favorecedores: A *posição da sílaba no item*, em que a posição final é a que mais influencia, com 94,4% de aplicação; seguidos da *Tonicidade da sílaba*, apontando a sílaba tônica como a que mais importa para a realização do fenômeno, com 60,4%; *Posição da consoante no item*, apontando as consoantes com finais seguidos as que mais favorecem a ditongação com porcentagem de 96,8; *Tipo de consoante seguinte*, sendo a Oclusiva alveolar e a fricativa labiodental as que mais favorecem, com porcentagem de 24,9 e 90,9%, respectivamente; e peso relativo de 0,65 e 0,64, respectivamente; e a

extensão do vocábulo, em que os monossílabos são os principais responsáveis pela ditongação com porcentagem de 99,5%.

Embora o número de ocorrências tenha sido reduzido na segunda rodada, os resultados foram bem similares a primeira. Contudo, o programa não selecionou a *consoante seguinte* e a *extensão do vocábulo* como fatores favorecedores, ao tempo que acrescentou a *classe morfológica* como um fator importante. Os fatores selecionados por ordem de importância, foram os seguintes: *posição da consoante no item*, seguindo a tendência da rodada anterior, sendo o final seguido o mais favorecedor, com porcentagem de 95,8; *posição da sílaba no item*, sendo a sílaba final a que mais favorece, com 95,1%; *tonicidade da sílaba*, em que a sílaba tônica é a que mais influencia com 59,5%; e a *classe morfológica*, que considerou o substantivos como a %, classe mais importante a realização do fenômeno, com porcentagem de 41,6% e peso relativo de 0,67, seguido dos numerais com porcentagem de 87,7% e peso relativo de 0,56.

Nota-se que nas duas rodadas, o fator posição da sílaba no item, demonstra que as sílabas finais são as que mais contribuem para a realização do fenômeno, dados que confirmam a hipótese lançada, de que a ditongação tende a ser mais frequente em contextos finais.

Em ambas as rodadas os fatores extralinguísticos como o sexo e faixa etária, não foram considerados relevantes pelo programa, com índices próximos entre si e do ponto neutro, o que refuta uma das hipótese levantadas de que os fatores extralinguísticos são favorecedores para a ditongação. O mesmo resultado, para os fatores extralinguísticos, foram encontrados em trabalhos como o de Leiria (2000) e Silva (2014) e Silva (2018), em que no fenômeno da ditongação o sexo e a faixa etária dos informantes não se manifesta de forma significativa.

A não seleção dos fatores sexo e faixa etária pode ser uma indicação de que o fenômeno encontra-se generalizado na comunidade, ou seja, homens e mulheres independente da faixa etária estão aplicando a regra da ditongação.

Os resultados apontam que na comunidade há uma alta taxa de ditongação se comparado a outros trabalhos na área, o que pode ser associada ao processo de formação da comunidade, que pode ter passado por um processo de contato entre línguas. Logo, a ditongação diante de /S/ pode ser considerado um fenômeno já instalado na comunidade, visto que é frequente na fala de um expressivo número de falantes.

Embora ainda haja um longo caminho a ser percorrido, o presente trabalho buscou contribuir com as pesquisas já existentes, ao apresentar o comportamento da ditongação

diante de /S/ em uma comunidade remanescente de quilombo. Espera-se que futuramente este estudo possa ser aprofundado de modo a apresentar dados que ampliem ainda mais a base de dados acerca do fenômeno.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jailma da Guarda. **O <S> em coda silábica no português falado nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cizento-Ba e Sapé: uma análise sociolinguística.** 133 f. il. 2019. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019.
- ALMEIDA, Jailma da Guarda. **Uma análise sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola Alto Alegre-Ba.** 91 f. il. 2016. Monografia- Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa-Ba, 2016.
- ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** v. 1. 9 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.
- CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras.** In: XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL 2014). João Pessoa – Paraíba.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística – I** Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2011. p. 121-140.
- CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes 1986.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. [et al.]. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ILARI, Rodolfo. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos.** 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008[1972].

LEIRIA, Lúcia. **A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/**. Revista ORGANON, UFRGS, v. 14, n. 28-29, 2000.

LUCCHESI, Dante. **Norma Linguística e realidade social**. In: BAGNO, Marcos, [org.]. Linguística da Norma. 3. ed.- São Paulo: Loyola, 2012.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUCCHESI, Dante. **Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 9 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PIETROFE, Antonio Vicente. A língua como objeto da Linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística – I** Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2011. p. 75-93.

SANTOS, Gredson. **O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <s> em coda silábica**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, Gredson; ALMEIDA, Jailma da Guarda. **O ditongo decrescente <ey> no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre**. Letrônica, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 239-252, janeiro-junho 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 2012[1967].

SILVA, Amanda dos Reis. **Ditongação diante de <S> na Bahia: Diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica**. 462 f. il. 2018. Doutorado em Língua e Cultura- Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, Salvador, 2018.

SILVA, Amanda dos Reis. **A ditongação em sílabas fechadas /S/ nas trilhas das capitais brasileiras**. 282 f. il. 2014. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, Salvador, 2014.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**. 10. ed. – São Paulo: Contexto, 2014.

TARRALO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8.ed.- São Paulo: Ática, 2007.

TASCA, Maria. **A inserção de glide em sílaba travada por /S/**. Letras de hoje, v. 40, n 3, p. 137-162, set., 2005.

ULIANO, Cristiane Gonçalves. [et al.] **A ditongação das sílabas tônicas finais travadas nos falares Blumenauense e Porto-Alegrense**: uma análise preliminar. Uox, n. 02, 2014/1.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvim. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].